



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA**

Violência doméstica na relação homoafetiva de mulheres lésbicas

Renata dos Santos Alencar

Belém-PA

2017

Renata dos Santos Alencar

Violência doméstica na relação homoafetiva de mulheres lésbicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Segurança Pública.

Área de Concentração: Segurança Pública.

Linha de Pesquisa: Conflitos, Criminalidade e Tecnologia da Informação.

Orientador: Prof. Edson Marcos Leal Soares Ramos, *Dr.*

Coorientadora: Profa. Maely Ferreira Holanda Ramos, *Dra.*

Belém-PA
2017

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA

Alencar, Renata dos Santos

Violência doméstica na relação homoafetiva de mulheres
Lésbicas / Renata dos Santos Alencar. – 2017.

Orientador: Edson Marcos Leal Soares Ramos

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Segurança Pública, Belém, 2017.

1. Violência Familiar. 2. Lésbicas. 3. Mulheres. Título.

CDD 22 ed.362.8292

Violência doméstica na relação homoafetiva de mulheres lésbicas

Renata dos Santos Alencar

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, para a obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública, no Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará.

Belém, 15 de maio de 2017.

Prof. Edson Marcos Leal Soares Ramos, *Dr.*
(Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública)

Banca Examinadora

Prof. Dr. Edson Marcos Leal Soares Ramos
Universidade Federal do Pará
Orientador

Profa. Dra. Maély Ferreira Holanda Ramos
Universidade Federal do Pará
Coorientadora

Profa. Dra. Ana Patrícia de Oliveira Fernandez
Instituto Federal do Pará
Avaliadora

Profa. Dra. Silvia dos Santos Almeida
Universidade Federal do Pará
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, Prof. Edson Ramos, que dentre vários possíveis orientandos, depositou em mim a confiança de iniciar e terminar o mestrado. Obrigada pelas palavras de incentivo, pelas cobranças necessárias e por todo conhecimento compartilhado nesta jornada acadêmica.

Agradeço a Profa. Máely Ramos, minha coorientadora, sempre disponível, paciente e amável nos momentos das orientações, sua contribuição foi de extrema importância para que a construção da dissertação se tornasse leve, prazerosa e possível de ser finalizada.

Aos meus colegas da turma 2015 do PPGSP, em especial a Tatiane Tolosa, Breno Moraes e Alessandro Farias. A Tati e Breno, por me auxiliarem na coleta dos dados necessários a realização da minha pesquisa. Ao amigo Alessandro, com quem tive a oportunidade de dividir minhas alegrias, angústias e a determinação de concluirmos essa etapa de nossa vida profissional.

As colaboradoras convidadas para a pesquisa a Dra. Adriana Nunan e a Doutoranda Goreti Goes, que se dispuseram em contribuir para o andamento da pesquisa, meu muito obrigada.

Aos professores do PPGSP, que foram essenciais no processo de construção do conhecimento de forma crítica e que refletisse a realidade de nossa sociedade. Agradeço aos bolsistas do Lasig, que contribuíram e me ajudaram na análise dos dados estatísticos, em especial a Rosália e a Gelilza.

Agradeço a minha amada família, minha mãe Do Carmo, padrasto Alberto, minhas irmãs Raquel e Rafaela, que sempre me apoiaram e me impulsionaram na busca de novos desafios.

Ao meu companheiro, Cezar Caldas, meu maior incentivador e o responsável por me acalantar nos momentos de incertezas. Suas palavras de apoio foram fundamentais para o meu recomeço, nas situações em que me vi desesperada e perdida. Obrigada pela sua dedicação, compreensão e carinho.

RESUMO

ALENCAR, Renata dos Santos. Violência doméstica na relação homoafetiva de mulheres lésbicas. 2017. 94 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública), PPGSP, UFPA, Belém, Pará, Brasil, 2017.

A violência doméstica contra a mulher no relacionamento heteroafetivo é um problema danoso e combatido pela sociedade, porém a mesma visibilidade e enfrentamento não é dispensada à lésbica agredida por outra mulher. Diante da invisibilidade dessa questão, a pesquisa tem como objetivo conhecer o fenômeno da violência doméstica na relação homoafetiva de mulheres lésbicas, em Belém do Pará. Procedeu-se o levantamento de dados que correspondessem às situações de violência doméstica entre casais de lésbicas que tivessem registrado boletim de ocorrência na Delegacia de Atendimento à Mulher - DEAM de Belém/PA, no período de 2011 a 2015. As informações foram logradas do banco de dados da Secretaria de Estado de Inteligência e Análise Criminal - SIAC, vinculada a Secretaria de Estado de Segurança Pública do Pará - SEGUP/PA, e foram identificados quarenta e oito (48) boletins de ocorrência de mulheres em situação de violência doméstica na relação homoafetiva. A partir da pesquisa documental, desenvolveu-se um estudo quantitativo e qualitativo. Da abordagem quantitativa, por meio da análise descritiva dos dados, foi possível traçar o perfil das lésbicas vítimas e agressoras, a motivação para a ocorrência das violências e a tipificação criminal mais recorrente. Na perspectiva qualitativa, optou-se pela utilização da técnica análise de conteúdo, que possibilitou a partir da codificação dos relatos das vítimas a formação de quatro categorias de análise que foram: (1) Comportamento abusivo; (2) Medida protetiva; (3) Recorrência da violência; e (4) Trivialização da violência. Os resultados indicaram, no que concerne aos dados estatísticos, que o perfil de vítimas e agressoras são semelhantes (faixa etária, escolaridade, estado civil e ocupação), o término do relacionamento foi a principal motivação para a violência e a ameaça foi a tipificação criminal predominante. O resultado da análise qualitativa indicou que o comportamento abusivo praticado pela agressora contra a vítima foi imbricado de violência psicológica, física e patrimonial. A violência psicológica, por meio de ameaças e intimidações foi a mais frequente; a medida protetiva em forma de casa – abrigo foi a mais oferecida pelo Estado e igualmente recusada pela vítima, o que leva a impunidade e colabora para a recorrência da violência e contribui para a trivialização e a minimização violência doméstica na relação homoafetiva de mulheres lésbicas. Por conseguinte, dos resultados obtidos e do arcabouço teórico estudado, o enfrentamento da violência doméstica deve ser direcionado a toda e qualquer mulher, independente da orientação sexual, visto que a violência na relação amorosa entre lésbicas é uma realidade que necessita ser desvelada e combatida.

Palavras-chave: Relacionamento de lésbicas; Mulher agressora; Ameaças; Lei Maria da Penha.

ABSTRACT

ALENCAR, Renata dos Santos. Domestic violence in lesbian relationships. 2017. 94 f. Dissertation (Postgraduate Program in Public Safety Program in Public Security), PPGSP, UFPA, Belém, Pará, Brazil, 2017.

The domestic violence against women in hetero-affective relations is a damaging problem fought by society. However, a lesbian woman aggressed by another woman does not share the same visibility and the society faces the case differently. Considering the invisibility of this issue, this research aims to study the phenomenon of domestic violence regarding lesbian relationships, in the city of Belém, state of Pará, Brazil. A survey was conducted in the women's police station of Belém, researching the data corresponding to lesbian women in situation of domestic violence among the records from 2011 to 2015. The information was obtained from the data bank of the State Department of Intelligence and Criminal Analysis (SIAC), which is connected to the State of Pará Public Safety Department (SEGUP/PA). There were forty eight (48) identified reports of women in situation of domestic violence in a homo-affective relationship. Based on the documental research, a quantitative and qualitative study was developed. In the quantitative approach, applying the descriptive data analysis, it was possible to define a profile of lesbian victims and aggressors, the motivation of the violence occurrence and the most recurrent criminal type. In the qualitative perspective, the chosen methodology was content analysis, which enabled the classification of four categories of analysis, based on the codification of the victim's reports. Those categories are: (1) abusive behavior; (2) protective measure; (3) recurrence of violence; (4) trivialization of violence. The results indicate that, concerning the statistic data, the profile of victims and aggressors are similar (age, education, marital status and occupation) and the termination of the relationship is the main motivation of the violence; it was also identified that the predominant criminal offense type is threat. The result of the qualitative analysis indicated that the abusive behavior of the aggressor against the victim is connected to a psychological, physical and patrimonial violence. The most frequent type of violence was psychological, by means of threats and intimidations. The protective measure most commonly done by the state, and equally refused by the victim, was the offering of a home/shelter. This situation of refusal collaborates with the impunity, recurrence and trivialization of domestic violence in homo-affective relationships of lesbian women. In view of the obtained results and considering the theory background studied, it is concluded that the confrontation of domestic violence must be directed to all women, regardless the sexual orientation, as the violence in lesbian relationships is a reality that need to be reveled and fought.

Keywords: Lesbian relationship, Woman aggressor, Threats, Maria da Penha Law.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 2 – ARTIGO CIENTÍFICO 2

Quadro 1 – Síntese do processo de codificação	44
Quadro 2 – Categoria final comportamento abusivo (f= 112)	47
Quadro 3 - Categoria final medida protetiva (f= 37).....	49
Quadro 4 - Categoria final recorrência da violência (f = 2).....	51
Quadro 5 - Categoria final trivialização da violência (f= 1)	52
Figura 1 - Nuvem de palavras	53
Figura 2 - Árvore da palavra ameaças	54
Figura 3 - Árvore da palavra proteção	55

APÊNDICE A

Quadro 1 - Delimitação das unidades de contexto e registro, e a análise exploratório das unidades de registro para a construção do levantamento inicial, a partir dos relatos das mulheres em situação de violência doméstica na relação homoafetiva.	64
Quadro 2 - Refinamento do levantamento inicial em categorias iniciais e agrupamento, a partir de códigos de similaridade, para construção das categorias intermediárias.	84

LISTA DE TABELAS

CAPITULO 2- ARTIGO CIENTÍFICO 01

- Tabela 1:** Estatística para as idades das mulheres vítimas e autoras de violência doméstica na relação homoafetiva, registradas na Delegacia de Atendimento a Mulher- DEAM de Belém/PA, no período de 2011 a 2015.....28
- Tabela 2:** Percentual do perfil de mulheres vítimas e autoras de violência doméstica na relação homoafetiva que registraram boletim de ocorrência na Delegacia de Atendimento a Mulher-DEAM de Belém-PA, no período de 2011 a 2015, por Faixa etária, Estado civil, Escolaridade e Ocupação.....30
- Tabela 3:** Percentual de característica dos registros efetivados por mulheres lésbicas vítimas de violência doméstica na relação homoafetiva na Delegacia de Atendimento a Mulher-DEAM de Belém-PA, no período de 2011 a 2015, por Motivação da violência, Tipificação do crime e Formas de violência.....32

CAPITULO 2- ARTIGO CIENTÍFICO 02

- Tabela 1:** Percentual das palavras mais frequentes, identificadas nos relatos das mulheres vítimas de violência doméstica na relação homoafetiva, DEAM- Belém-PA, período de 2011 a 2015.....53

LISTA DE SIGLAS

AC – Análise de conteúdo

AIDS - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

BO – Boletim de Ocorrência

DEAM – Delegacia de Atendimento a Mulher

E.F.I - Ensino Fundamental Incompleto

E.F.C.- Ensino Fundamental Completo

E.M.I.- Ensino Médio Incompleto

E.M.C.- Ensino Médio Completo

E.S.I.- Ensino Superior Incompleto

E.S.C.- Ensino Superior Completo

HIV- Vírus da Imunodeficiência adquirida.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LMP – Lei Maria da Penha

MD – Medida Protetiva

OMS - Organização Mundial da Saúde

SEGUP- Secretaria de Segurança Pública do Pará

SIAC – Secretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal

SISP - Sistema Integrado de Segurança Pública.

UFPA- Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1- CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	12
1.1 INTRODUÇÃO	12
1.2 JUSTIFICATIVA E IMPORTÂNCIA DA PESQUISA.....	13
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	15
1.4 OBJETIVOS.....	15
1.4.1 Objetivo geral.....	16
1.4.2 Objetivo específico.....	16
1.5 HIPOTESE.....	16
1.6 REVISÃO DA LITERATURA.....	16
1.7 METODOLOGIA.....	20
CAPÍTULO 2- ARTIGOS CIENTÍFICOS.....	22
2.1 ARTIGO CIENTÍFICO 01.....	22
1 INTRODUÇÃO	23
2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA RELAÇÃO HOMOAFETIVA	24
3 MATERIAL E MÉTODOS	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
5 CONCLUSÃO.....	33
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
2.2 ARTIGO CIENTÍFICO 02.....	36
1 INTRODUÇÃO	37
2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA RELAÇÃO HOMOAFETIVA DE LÉSBICAS.....	38
3 MATERIAL E MÉTODOS	39
3.1 Caracterização da pesquisa	39
3.2 Lócus e fontes da pesquisa	40
3.3 Procedimentos de coleta	41
3.4 Ética	42
3.5 Procedimentos de análise	42
3.6 Processo de refinamento categorial – Relatos de Violência	43
3.7 Categorias iniciais	44

3.8	Categorias intermediárias	44
3.9	Categorias finais	45
3.10	Caracterização dos participantes.....	46
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	46
4.1	Comportamento abusivo	46
4.1.1	Violência emocional/psicológica	47
4.1.1	Violência física.....	48
4.1.1	Violência patrimonial	49
4.2	Medida protetiva	49
4.3	Recorrência da violência	51
4.4	Trivialização da violência	51
4.5	Análise exploratória	52
4	CONCLUSÃO	56
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
CAPITULO 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS		
FUTUROS		
3.1	Considerações finais	59
3.1	Recomendações para trabalhos futuros	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS- CAPITULO 1		
51		
APÊNDICES		
63		
APÊNDICE A		
64		
APÊNDICE B		
86		
ANEXOS		
89		
ANEXO 1		
90		
ANEXO 2		
92		

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES GERAIS

1.1 INTRODUÇÃO

Abordar a temática da violência doméstica remete instintivamente aos relacionamentos heteroafetivos, ou seja, a violência praticada pelo homem em direção a mulher, deixando de ser explorados os casos de violência nas relações homoafetivas, ou seja, de indivíduos que possuem o mesmo sexo.

Pesquisar sobre a violência doméstica em relacionamentos homoafetivos constituiu-se em uma tarefa árdua, devido a quase inexistência de literatura e pesquisas realizadas. Outrora, a pouca visibilidade dada a este fenômeno, pode causar uma falsa impressão, de que nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, esse tipo de violência não existe.

Buscou-se com a pesquisa estudar a ocorrência da violência doméstica nos relacionamentos homoafetivos, com o intuito de evidenciar esse grave problema que atinge as mulheres lésbicas e contribuir para a desmistificação de alguns mitos que favorecem o ocultamento desse fenômeno.

A dissertação está dividida em três capítulos, que foram descritos sucintamente para melhor compreensão. O primeiro capítulo faz referência às considerações gerais desta pesquisa, que contém a introdução, a justificativa e a importância da pesquisa, o problema de pesquisa, os objetivos (geral e específico), a hipótese, a revisão da literatura e a metodologia utilizada para a execução da pesquisa científica.

O segundo capítulo apresenta dois (02) artigos científicos. O primeiro foi intitulado de “Violência doméstica na relação lésbica: registros da invisibilidade”, que apresenta o perfil das vítimas e agressoras lésbicas em situação de violência doméstica que registraram boletins de ocorrência na Delegacia de Atendimento à Mulher de Belém-PA, no período de 2011 a 2015. Neste, optou-se em realizar uma abordagem quantitativa utilizando-se a técnica de análise descritiva dos dados coletados. O segundo artigo foi denominado de “Mulheres que batem em mulheres: relatos da ocorrência da violência doméstica na relação homoafetiva de lésbicas em Belém-PA”, no qual se utilizou uma abordagem qualitativa, prevalecendo-se da técnica de análise de conteúdo, que a partir dos relatos das lésbicas em situação de violência doméstica possibilitou por meio de categorias de análise apreender a realidade vivenciada por essas mulheres.

O terceiro capítulo refere-se às considerações finais desse estudo e aponta algumas recomendações para trabalhos futuros, visto que esta temática possibilita uma infinidade de pesquisas que podem ser conduzidas, a fim de ampliar e explorar a discussão da violência doméstica nos relacionamentos homoafetivos.

1.2 JUSTIFICATIVA E IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

As nuances pelas quais a violência doméstica se apresenta na sociedade contemporânea traduzem uma linha tênue entre sua naturalização e seu estranhamento. Por muito tempo esse tipo de violência foi considerada estritamente de cunho privado, pertencente ao lar, porém essa temática a tempos vem ganhando notoriedade na sociedade e tornando-se cada vez mais um assunto de caráter público e atual.

Os estudos relativos à violência doméstica no casal, em sua maioria, analisam a partir de uma visão reducionista, que compreendem a violência respaldada na perspectiva estritamente de gênero, amparada no modelo patriarcal e dicotômico entre o homem e mulher. Nos relacionamentos heteroafetivos, tem-se o homem como o dominador, o autor da violência, e a mulher como submissa, vítima e a parte frágil da relação.

Neste estudo, tendo como premissa uma visão ecológica que compreende a violência doméstica tendo como determinantes uma multiplicidade de fatores e de relações que são estabelecidas dentro dos relacionamentos amorosos, cabendo nesta perspectiva a análise do fenômeno nos relacionamentos homoafetivos (CANTERA, 2007).

Cabe destacar que a partir de 1980, no Brasil, o movimento homossexual intensificou a luta pela igualdade, respeito, cidadania e o direito à livre orientação sexual. O ativismo desse segmento vem se fortalecendo e difundindo suas ideias como acontece nos eventos das Paradas do Orgulho Gay. Adentrar no universo da violência nas relações homoafetivas é um tanto quanto desafiador, pois se trata de uma violência invisível, tendo em vista que a sociedade tradicionalista ignora esses relacionamentos. Nesse processo de análise, o preconceito constitui-se um fator importante que afeta a vida dos homossexuais.

É relevante o fato de que nas relações entre homossexuais, que se diz ser entre iguais, também se estabelece a violência. Foi justamente esse enfoque que se pretendeu dar a pesquisa, como é percebida e vivenciada a violência na relação homoafetiva pelas mulheres lésbicas. Ressalta-se que, neste trabalho, a homossexualidade foi concebida como orientação sexual (desejos, atrações sexuais) direcionada a indivíduos do mesmo sexo. De acordo com

Filho (2009) a orientação sexual define-se como uma construção subjetiva e social, que se produz nas interações sociais, levando-se em conta padrões culturais e relações de poder configurando um fenômeno individual e coletivo.

No Brasil, em 2012, o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, pela primeira vez registrou dados com informações dos domicílios de casais homoafetivos. Foram identificadas cinquenta e oito mil (58.000) residências no Brasil com casais homoafetivos, que corresponde a 0,1% dos totais de unidades domésticas, destes, 46,2% eram casais formados por homens e 53,8% eram formados por mulheres. Quanto a distribuição por região desses casais o Sudeste apresentou a maioria com 52,6% de casais homoafetivos, seguido de 20,1% no Nordeste, 13,0% no Sul, 8,4% no Centro-Oeste e 5,9% na região Norte. Infere-se que a sociedade sofre transformações e procura se moldar conforme os novos arranjos familiares demandados pelos indivíduos, a inclusão de casais homoafetivos no censo brasileiro seria algo impensável há décadas atrás.

O Supremo Tribunal Federal, em maio de 2013, reconheceu o casamento entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, as uniões homoafetivas passaram a ser juridicamente legais no Brasil. Neste mesmo ano, o IBGE identificou na Estatística de Registro Civil de 2013 o total de 3.701 registros de casamentos de pessoas do mesmo sexo, sendo a maior parte 52,0% de casamento entre mulheres e 48,0% entre homens. A distribuição por regiões revelou que a maioria concentrava-se na Região Sudeste, com 65,1%, seguida da Região Sul, com 14,2%; Nordeste, com 13,4%; Centro-Oeste, com 5,8%; e Norte, com 1,5%. Em números absolutos na região Norte, o Estado do Pará é o que figura com as maiores percentuais, tendo 41,9% dos registros de casamento entre homens e 48,0% entre as mulheres. Em relação às capitais da Região Norte, Belém do Pará apresenta os maiores percentuais, sendo 31,3% de cônjuges do sexo masculino e 54,5% de cônjuges femininos.

A relevância da pesquisa perpassa pela quebra de paradigmas em relação ao enfrentamento da violência doméstica, vista unicamente pela perspectiva heteroafetiva. Faz-se necessário englobar os casais homoafetivos neste debate, visto que diante dos diversos arranjos familiares, os relacionamentos entre homossexuais não ficam a margem dessa problemática. A principal intenção da pesquisa é contribuir para a visibilidade da temática apresentada, além de provocar debates, discussões e levantar alternativas para compreensão do fenômeno e colaborar para o fomento de políticas públicas que contemplem qualquer pessoa que seja vítima de violência doméstica, independente de orientação sexual.

1.3 PROBLEMA DA PESQUISA

Diante da indiscutível existência da violência doméstica nas relações heteroafetivas, que contam com campanhas educativas e informativas para o reconhecimento e combate desse tipo de violação, a mesma preocupação ou visibilidade não ocorre com as mulheres homossexuais que vivenciam o mesmo problema.

Autores como Vickers (1996) e Nunan (2004) discutem alguns mitos que foram relacionados com a violência doméstica entre casais homoafetivos. Vale destacar que mito refere-se a uma forma primitiva de interpretar o mundo e funciona como um óbice para se pensar, discutir e problematizar a violência entre parceiros homossexuais (CANTERA, 2007).

Um exemplo de mito é idealizar que o relacionamento entre duas mulheres seria visto como entre “iguais”, visto que, existe a construção social de que mulheres são “não violentas”, passivas, submissas e que são elas as principais vítimas da violência. Assim, a relação entre lésbicas seria baseada na simetria de poder, sendo “inaceitável” pensar em violência doméstica nesses relacionamentos. Nunan (2004) frisa que “se nossa sociedade tem dificuldade em responsabilizar homens por serem violentos, acusar uma outra mulher de agressão torna-se, muitas vezes, impensável” (NUNAN, 2004. p. 9).

Outro mito refere-se à facilidade dos homossexuais em terminarem seus relacionamentos, visto da ótica sexual, o relacionamento seria baseado na satisfação e no prazer das práticas sexuais, sem nenhuma outra finalidade ou vínculo. O que se pode questionar, já que, nos dias atuais, com a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e a adoção de criança por casais homoafetivos, cada vez mais percebe-se que esses novos formatos de família têm como pilares o amor, o companheirismo e o afeto.

Assim, levando-se em consideração o relacionamento afetivo entre duas mulheres e o legado da Lei Maria da Penha, que prevê o enfrentamento da violência doméstica contra a mulher independente da orientação sexual, a pergunta norteadora que esta pesquisa se detém a responder é de que forma ocorre o fenômeno da violência doméstica na relação homoafetiva de mulheres lésbicas?

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Conhecer o fenômeno da violência doméstica na relação homoafetiva entre lésbicas em Belém-Pará.

1.4.2 Objetivos Específicos

- i) Apresentar a discussão na literatura sobre violência doméstica em relacionamentos homoafetivos.
- ii) Realizar um levantamento dos registros de ocorrências realizados por mulheres lésbicas em decorrência da violência doméstica.
- iii) Analisar a ocorrência da violência doméstica na relação homoafetiva entre mulheres lésbicas, a partir do relato das vítimas.

1.5 HIPÓTESE

Tem-se a hipótese que a ocorrência da violência doméstica no relacionamento homoafetivo de lésbicas advém da relação de poder e controle que uma parceira que ter sobre a outra.

1.6 REVISÃO DE LITERATURA

Violência no latim deriva de “vis” que significa violência, mas também força, vigor e potência. “Vis” determina o emprego da força física. Segundo Dadoun (1998), violência designa o caráter essencial do ser humano, a própria essência do homem. Assim, para o autor o emprego da força física é uma característica inerente ao homem.

Em consonância com o autor acima, a Organização Mundial da Saúde – OMS define violência tendo como perspectiva o uso intencional da força física ou do poder, que pode ser direcionado a outra pessoa ou a si mesmo, que provoque danos de diversas naturezas, tais como emocional, físico etc. A violência tem várias facetas e denominações, a seguir apresenta-se os autores que abordam a temática da violência doméstica fazendo o recorte para os relacionamentos homoafetivos.

Violência doméstica, para o Ministério da Saúde (BRASIL, 2002b) é aquela que decorre de comportamentos abusivos entre pessoas com algum laço afetivo que pode ocorrer, ou não, no espaço doméstico/familiar, mas que a principal característica é o vínculo afetivo envolvido entre os pares.

Em 2006, com a Lei N° 11.340/2006 - Maria da Penha, a luta para o enfrentamento da violência doméstica no Brasil ganhou uma legislação específica que aborda mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Define a violência doméstica e familiar contra a mulher como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial, e ressalta que as relações estabelecidas independem de orientação sexual.

Para o entendimento do fenômeno da violência contra a mulher, é imprescindível a compreensão de violência de gênero. Neste sentido, para Saffioti:

Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. Com efeito, a ideologia de gênero é insuficiente para garantir a obediência das vítimas potenciais aos ditames do patriarca, tendo esta necessidade de fazer uso da violência (SAFFIOTI, 2001, p. 115).

Concebe-se a violência de gênero como sendo a construção do masculino e do feminino, uma violência culturalmente construída, onde homens e mulheres são criados e determinados por uma cultura que é variável dependendo de cada momento histórico. A própria sociedade determina onde os indivíduos podem ou não atuar.

A dinâmica da violência entre homens e mulheres envolve um processo de redefinição de papéis sociais atribuídos a cada um deles, quando envolvidos em um relacionamento. A vida em comum consiste em um jogo de poder entre os pares, sendo uma relação complexa.

Cantera (2007) destaca que o movimento feminista foi de fundamental importância para dar visibilidade à problemática da violência de gênero. Porém, a autora ressalta que ao focalizar a questão de gênero, houve um reducionismo do fenômeno ao olhar apenas para as relações heteroafetivas, provocando um ocultamento da violência nas relações homoafetivas.

Cabe destacar, que nos relacionamentos amorosos de indivíduos do mesmo sexo a discussão de gênero se faz necessária. A ideia de que a violência ocorre apenas dentro de uma dualidade entre os sexos, pode determinar que entre iguais a violência não existisse. Que constitui-se um pensamento do censo comum de acordo com Cantara (2007).

Topa (2010), apresenta um novo cenário de reenquadramento do papel social de homens e mulheres dentro de uma relação homoafetiva, pois os papéis de agressores (as) e vítimas não serão determinados unicamente pelo gênero. No relacionamento de gays e lésbicas tem-se o conceito de que as relações de poder são mais “simétricas”, principalmente nas relações lésbicas, que figura o estereótipo de mulher submissa, pacífica e não violenta.

Foucault (2009) defende a tese de que as relações de poder entre os indivíduos se estabelecem em forma de rede, não é algo isolado ou direcionado de um para o outro, mas se constitui de forma relacional, onde ambos exercem influência no processo. Para o autor:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de uns, nunca é apropriado como riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2009. p. 183).

Embasado na concepção de poder em Foucault (2009), pode-se analisar o fenômeno da violência doméstica em outra perspectiva, diferente da polarizada nos relacionamentos heteroafetivos, que enfatizam o poder e dominação masculina. Mas ter a compreensão que em um relacionamento amoroso, independente do sexo ou das discussões de gênero, cada membro pode ser sujeito na relação estabelecida, ou seja, terá gradações de poder e formas de resistência na relação violenta.

Para este trabalho, utiliza-se o conceito de violência doméstica de Toro-Alfonso e Rogriguez-Madeira (2004), que a define como um padrão de comportamento abusivo dentro de uma relação amorosa, que pode se manifestar de forma emocional/psicológica, física ou sexual com o intuito de dominar e controlar o(a) parceiro(a). Pitilli (2016) ressalta que a motivação para o comportamento abusivo e coercitivo dentro do relacionamento é o desejo e a necessidade de controlar o outro membro, e não somente atos relacionados à força.

O controle e o poder podem ser exercidos por meio de algumas condutas e ações violentas, que podem ser difíceis de serem identificadas. Assim, destaca-se os tipos de violência que foram categorizadas na Lei Nº 11.340/2006, e que auxiliam na compreensão dos comportamentos abusivos.

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; **II - a violência psicológica**, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; **III - a violência sexual**, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; **IV - a violência patrimonial**, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; **V - a violência moral**, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (BRASIL, 2012) (gripo nosso).

Toro-Alfonso e Rodriguez-Madeira (2004) realizaram uma pesquisa com 199 casais gays em Porto Rico, constataram que 24,0% estavam em um relacionamento violento. Outro dado importante é que 40,0% perceberam que os parceiros eram emocionalmente abusivos, porém não relacionavam tais comportamentos com a violência doméstica, uma vez que geralmente é associada à violência física e sexual.

Nascimento e Chacon (2009) realizaram um estudo com 300 indivíduos para analisar a violência doméstica em casais homossexuais. A pesquisa foi desenvolvida no Brasil, no Estado do Ceará, no período de janeiro/2006 a janeiro/2009. Como resultado, os autores concluíram que: 1) as vítimas não perceberam seus relacionamentos como violentos; 2) não existe serviços especializados para o atendimento dessa demanda; e 3) na maioria dos casos analisados, existe um silêncio que permeia e invisibiliza a violência na relação homoafetiva, tanto da sociedade como do próprio movimento homossexual.

Costa, Machado e Antunes (2011), realizaram uma pesquisa em Portugal com 151 homossexuais (lésbicas e gays), com o objetivo de determinar a prevalência da violência doméstica na relação homoafetiva, obtiveram o resultado de que 37,7% já haviam sido vítima de violência na relação amorosa e 39,1% já haviam praticado algum tipo de violência contra seu (sua) companheiro (a) no ano anterior. O estudo apontou a prevalência da violência emocional com 35,1%, seguida da física com 24,5% e a sexual com 3,3%.

Toro-Alfonso e Rodriguez-Madeira (2004) pontuam alguns fatores que podem influenciar para a invisibilidade da violência doméstica na relação homoafetiva, tais como: 1)

predominância de uma sociedade sexista, preconceituosa e homofóbica; 2) o movimento homossexual “encobre” o problema da violência na relação homoafetiva, por medo de ações homofóbicas; 3) o foco na luta da comunidade homossexual no enfrentamento ao HIV/AIDS, contra a opressão religiosa e na garantia de direitos humanos; e 4) a falta de serviços públicos para atendimento de vítimas de violência doméstica homoafetiva.

Pitilli (2016) assinala que existem duas vertentes que distinguem a violência na relação homoafetiva da heteroafetiva. A primeira refere-se ao medo de “outing”, ou seja, a divulgação da orientação sexual para familiares e amigos da convivência social da vítima. E a segunda é o próprio isolamento que a vítima se imputa devido a não revelação da orientação sexual e de está em um relacionamento violento.

1.7 METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido tendo como perspectiva a pesquisa quanti-qualitativa do tipo exploratória e descritiva, que tem como intuito desvelar o sentido do fenômeno estudado, interpretar e analisar o significado que os sujeitos dão a ele (CRESWELL, 2007). Desta feita, pretendeu-se a partir da partilha entre o fenômeno e os sujeitos, objetos dessa pesquisa, extrair os significados explícitos e implícitos que só podem ser estudados a partir do rigor científico.

A pesquisa foi realizada junto a Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher- DEAM e na Secretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal (SIAC), vinculada à Secretaria de Segurança Pública do Pará (SEGUP). Onde se realizou o levantamento de registros de ocorrência de violência doméstica entre mulheres lésbicas, tendo como recorte temporal o período de 2011 a 2015.

Preliminarmente realizou-se a pesquisa bibliográfica, com o levantamento da literatura para maior compreensão do fenômeno relativo aos conceitos de violência doméstica na relação homoafetiva. Neste sentido, foram explorados artigos de periódicos, livros e materiais disponibilizados na internet e em meio físico.

Na segunda etapa, para o estudo quantitativo iniciou-se a leitura dos Boletins de Ocorrência (BO) que fizessem referência aos casos de registro de mulheres em situação de violência doméstica. Foram identificados no banco de dados do SIAC 9.794 BOs, destes os que se referiam a mulheres denunciando outras mulheres foram 78 BOs, e ao final foram identificados 51 BOs de mulheres denunciando suas parceiras por violência doméstica. Destes foram excluídos três, que não eram do município de Belém, o que findou em um total de 48

boletins de ocorrência, que constituiu o censo da pesquisa. Os critérios de inclusão foram: que vítima e autora fossem do sexo feminino; que a denúncia fosse relacionada à violência doméstica na relação homoafetiva; e que fossem do município de Belém-PA.

Em um terceiro momento, para o estudo na perspectiva quantitativa, procedeu-se a análise descritiva dos dados que evidenciassem o perfil de agressoras e vítimas tendo como referência as seguintes variáveis: idade, média, moda, faixa etária, escolaridade, ocupação e estado civil; motivação da violência, tipificação criminal e tempo de relacionamento.

No momento seguinte, para o estudo qualitativo efetivou-se a leitura dos depoimentos das vítimas lésbicas de violência doméstica para que fosse realizada a técnica de análise de conteúdo, que para Bardin (2011), é qualificar as vivências e destacar a percepção que o sujeito tem do fenômeno estudado. O método de análise de conteúdo utiliza-se da técnica de interpretação das comunicações, podendo ser verbal e não verbal, valendo-se de categorias e ou temas dos conteúdos das mensagens apreendidas. Pretendeu-se com a técnica, produzir inferências de um texto para o seu conteúdo social de uma forma objetiva.

Para o desenvolvimento do método análise de conteúdo, a pesquisa seguiu as etapas preconizadas por Bardin (2011) que foram: 1) pré-análise: realizaram-se as transcrições dos depoimentos, fez-se a leitura minuciosa do material para a sistematização das ideias e o estabelecimento dos indicadores para a interpretação dos dados; 2) exploração do material: procedeu-se a construção da codificação das categorias e temáticas de análise a partir do recorte dos depoimentos, que foram agrupadas em unidades de registros (frases ou parágrafos) para o refinamento em categorias iniciais, intermediárias e finais de acordo com cada temática abordada; e 3) tratamento dos dados, inferência e interpretação: realizaram-se as análises do material sistematizado respaldado pelo referencial teórico abordado.

Após o processo de codificação, as categorias iniciais, intermediárias e finais, foram avaliadas por dois juízes, conhecedores da temática da violência doméstica. A avaliação teve como objetivo, julgar adequada ou não a construção das categorias de análise, ressalta-se que foram validadas as categorias que possuíram 75% de concordância entre os juízes.

Destaca-se que todos os dados analisados nesta pesquisa foram previamente autorizados à utilização dos mesmos pelas autoridades competentes e que em hipótese nenhuma os sujeitos dessa pesquisa foram identificados.

CAPÍTULO 2 – ARTIGO CIENTÍFICO

2.1 ARTIGO CIENTÍFICO 01

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA RELAÇÃO LÉSBICA: REGISTROS DA INVISIBILIDADE

Renata dos Santos Alencar¹

Edson Marcos Leal Soares Ramos²

Maely Ferreira Holanda Ramos³

Resumo

O objetivo do artigo é apresentar os dados referente ao fenômeno da violência doméstica tendo como perspectiva os relacionamentos homoafetivos entre lésbicas. Partiu-se do pressuposto de que para analisar uma determinada realidade é necessário primeiramente conhecê-la, assim devido a invisibilidade e as poucas pesquisas que tratam da temática, realizou-se um levantamento na Delegacia de Atendimento a Mulher de Belém, Pará, compreendido entre o período de 2011 a 2015, dos registros de boletins de ocorrência realizadas por mulheres lésbica em situação de violência doméstica. Dos dados obtidos procedeu-se um estudo exploratório e descritivo, com uma abordagem quantitativa, por meio da técnica estatística de análise descritiva. Como resultado foi possível conhecer o perfil da vítima e da agressora de violência na relação homoafetiva, identificar a tipificação criminal mais recorrente e de acordo com a Lei Nº 11.340/2006 (Maria da Penha) caracterizar a forma de violência mais predominante.

Palavras-chave: Análise descritiva; Mulher; Lésbica; Relação homoafetiva.

DOMESTIC VIOLENCE IN LESBIAN RELATIONSHIPS: RECORDS OF INSIVISIBILITY

Abstract

The objective of this paper is to present the data referred to the domestic violence phenomenon, taking in perspective the homo-affective relationships between lesbian women. Based on the assumption that to analyze a determined reality its necessary to have a previous knowledge about it, and due to the invisibility and few researches that assess this theme, a survey was conducted in the women's police station of Belém, state of Pará, Brazil, searching among the records from 2011 to 2015 those of lesbian women in situation of domestic violence. An exploratory and descriptive study was carried out, using a quantitative approach, with the descriptive analysis of data statistic technique. The results achieved were: it was possible to acknowledge the victim's and the aggressor's profiles in the homo-affective

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará e Assistente Social da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos do Pará e da Universidade Federal do Pará. Email: renataalencar83@yahoo.com.br

² Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará. Email: ramosedson@gmail.com

³ Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará. Email: maelyramos@hotmail.com

relationship, to identify the most recurrent criminal type and, according to the law no. 11.340/2006 (Maria da Penha law), to characterize the most predominant type of violence.
Keywords: Descriptive analysis, Woman, Lesbian, Homo-affective Relationship.

1 INTRODUÇÃO

Estudar o fenômeno da violência é uma temática recorrente nas universidades e nos debates acadêmicos devido à preocupação e a sensação de insegurança a que os indivíduos estão sujeitos. É vista como um problema de saúde e segurança pública devido às várias formas de manifestação e impacto na vida do ser humano.

Para a Organização Mundial da Saúde, violência refere-se ao uso racional da força física ou do poder direcionada a outras pessoas, a um grupo, comunidade ou de autoflagelo com a finalidade de causar danos físicos, psicológicos, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002). De uma forma geral, Koller e Antoni (2004) destacam que todo ato de violência, quer seja por ação ou omissão, tem como fim profícuo cessar, deter, impedir o desenvolvimento do ser humano.

A problemática da violência doméstica ganhou notoriedade na sociedade a partir da década de 70 com o movimento feminista. O pano de fundo dessa discussão foi à violência vivida pela mulher sendo o homem o perpetrador do ato violento, ou seja, evidenciando o relacionamento estritamente heteroafetivo. A condução da violência neste foco tem como premissa uma vertente exclusivamente de gênero, aportada na visão patriarcal e dicotômica entre o homem e a mulher. Sendo que o homem é o dominador o que maltrata, e a mulher a vítima, inferior e submissa.

Contrariando a visão reducionista (que visualiza apenas a questão de gênero), entende-se, em uma vertente mais ampla, que a violência doméstica se manifesta tendo como determinantes uma multiplicidade de fatores e de relações de poder que são estabelecidas dentro dos relacionamentos íntimos.

Desta feita, não cabe apenas estudar a violência doméstica entre heteroafetivos, mas também englobar os relacionamentos homoafetivos. Conforme Luz e Gonçalves (2014) a violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo é uma ação frequente, porém é subnotificada. Assim, o presente artigo visa apresentar os resultados do levantamento de dados que foi realizado na Delegacia de Atendimento a Mulher- DEAM de Belém-PA, do período de 2011 a 2015, referente aos boletins de ocorrência registrados por mulheres lésbicas em situação de violência doméstica.

2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA RELAÇÃO HOMOAFETIVA

Os primeiros estudos referentes à violência na relação homoafetiva começaram a ser difundidos, somente da década de 90 em países como Porto Rico, Portugal e Estados Unidos. No Brasil as pesquisas e produções acadêmicas dessa problemática são tímidas e escassas (NUNAN, 2004; NASCIMENTO, CHACON, 2009).

Na revisão bibliográfica realizada por Luz e Gonçalves (2014), foram identificados apenas dois estudos no Brasil. O primeiro, em 2002, foi realizado pelo Grupo Gay da Bahia, que identificou o assassinato de 06 homossexuais cometidos pelo companheiro, de uma amostra de 126 homossexuais assassinados. E o segundo foi um estudo realizado pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP e o Ministério da Saúde, em 2005, que tinha como objetivo identificar a violência sexual nas relações heteroafetivas e homoafetivas. A amostra da pesquisa foi de 5.040 pessoas e constatou-se que a incidência de violência sexual em gays, lésbicas e bissexuais é mais elevada do que em heterossexuais.

Nunan (2004) defende que o ocultamento da violência doméstica na relação homoafetiva deve-se a resistência de debater o assunto, tanto pelo movimento homossexual quanto da própria sociedade. Aquele por receio de reforçar estereótipos negativos quanto às relações entre pessoas do mesmo sexo, e o último de desconstruir a ideia de que a violência doméstica tem sua causa na desigualdade de gênero e no sexismo.

A prevalência da violência doméstica nos relacionamentos homoafetivos é praticamente semelhante a que ocorre nas relações heteroafetivas, sendo que o primeiro fica no intervalo de 15-20% e o segundo de 20-35% (VICKERS, 1996; NUNAN, 2004; CANTERA, 2007). Posto a existência da violência doméstica nos relacionamentos de pessoas do mesmo sexo, se faz necessário tornar visível esse problema, e refletir o porquê dessa violência ser ignorada.

As pesquisas sobre violência doméstica nas relações homoafetivas foram ancoradas tendo como base as relações heteroafetivas, mas cabe destacar que existem particularidades inerentes aos relacionamentos homoafetivos, bem como manifestações violentas comuns a qualquer tipo de relacionamento. Desta feita, faz-se necessário pontuar essas questões.

Para situar a temática em foco, define-se violência doméstica na relação íntima como aquela derivada de atos, comportamentos e atitudes que podem se manifestar de forma

psicológica, física ou sexual que tenha como objetivo controlar e exercer poder sobre a vítima (VICKERS, 1996; TORO-ALFONSO; RODRIGUEZ-MADERA, 2004; NUNAN, 2004). A violência psicológica é qualquer ato que cause prejuízo e dano emocional a vítima; a violência física pode ser identificada como qualquer comportamento que ponha em risco ou que atinja a integridade física da vítima; e a violência sexual é qualquer comportamento de coação para a prática de atos sexuais sem o consentimento da vítima.

O comportamento abusivo na violência doméstica, não se configura como um fato isolado, mas segue um padrão cíclico de eventos violentos que se repetem. Richards et al. (2007) mencionam o “ciclo da violência” como a forma que a violência e o poder se manifestam e se estabelecem nos relacionamentos íntimos, que possuem três fases a saber:

Fase 1- Construção de tensão: A tensão começa a aumentar na relação, o agressor aumenta as ameaças e assume o controle. Vítima faz esforços crescentes para agradar o abusador, e acalmá-lo, vítima nega a iminente violência, se afasta e experimenta uma perda de controle; **Fase 2- Ato de Violência:** O perpetrador se torna imprevisível, e perde o controle, atacando seu parceiro, o agressor se torna extremamente abusivo, a vítima é deixada sentindo-se presa e vitimada; e **Fase 3- Bondade e Comportamento amoroso 'lua de mel':** O abusador é extremamente apologetico, atento e amoroso, muitas vezes expressando culpa e vergonha. Abusador é manipulador e promete mudar, às vezes o agressor culpará seu parceiro pela violência, deixando a vítima com sentimentos mistos, sentimento culpado e responsável pelo abuso (RICHARDS et al., 2007, p. 8. Tradução e grifo nosso).

De acordo com o Richards et al. (2007), é comum que o ciclo se repita com mais violência e num intervalo menor de tempo entre as fases. Estudos mostram que o ciclo se repete indefinidamente ou pior, que pode terminar em tragédias como lesões graves ou o assassinato da vítima (NUNAN, 2004). Os comportamentos abusivos podem ocorrer da forma como foi descrita nas três fases, como podem não ocorrer de forma tão explícita. Ressalta-se que é apenas um padrão geral para compreender o fenômeno da violência, tendo em vista que pode se apresentar de forma sutil e imperceptível.

Comumente a vítima de violência doméstica tenta justificar a agressão sofrida se culpabilizando pela atitude do perpetrador. A vulnerabilidade, o isolamento, a crença de que o agressor irá mudar, o fato de amarem os parceiros e a dificuldade de admitir e enfrentar o problema contribuem para permanência no relacionamento abusivo.

Quer seja em um relacionamento hetero ou homoafetivo, os fatores que favorecem para o surgimento da violência doméstica são vários. Não se pode negligenciar que a violência doméstica pode estar relacionada a um prévio histórico de episódios de violência na vida pregressa do agressor quanto da vítima, bem como múltiplos fatores que podem influenciar como a ingestão de bebidas alcoólicas, uso e abuso de drogas, baixa autoestima,

dependência emocional, diferença de poder e status entre o casal, necessidade de controlar, questões culturais, sociais e econômicas, etc. (NUNAN, 2004; MCKENRY et al., 2006).

A violência doméstica se manifesta e se apresenta seguindo uma mesma dinâmica de devastação na vida da pessoa que passa por esta situação. Porém, cabe destacar as particularidades da ocorrência desses comportamentos abusivos nos relacionamentos homoafetivos. A principal diferença é a homofobia, derivada do preconceito e discriminação sexual a que estão sujeitos os homossexuais. Compreende-se a homofobia “como preconceito ou discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas” (BRASIL, 2012), ou seja, é o medo, receio, ódio direcionado a uma pessoa, grupo ou comunidade por causa da orientação sexual.

A homofobia pode ser de dois tipos, a institucionalizada, que é a marginalização dos homossexuais por pessoas ou organizações sociais, e a internalizada, quando o próprio indivíduo não admite e rejeita a sua própria homossexualidade (NUNAN, 2004).

Referente à homofobia institucionalizada, cabe destacar que em 2013 foi divulgado o “Relatório Sobre Violência Homofóbica no Brasil, ano 2012” que revelou o panorama da violência sofrida pelos homossexuais. Foram efetivados 3.084 registros de violência homofóbica contra homossexuais em 2012, um aumento de 166,09% em comparação aos dados de 2011 que foram 1.159 ocorrências. Um dado importante é que a maioria dos denunciante não conheciam a vítima, o que corresponde a 47,30%, e que somente 10,49% das denúncias foram efetuadas pela própria vítima. Em relação aos perpetradores da homofobia 58,90% eram pessoas que a vítima conhecia e 34,10% eram pessoas desconhecidas. Na relação entre vítima e suspeito, 20,69% das violações foram cometidas por vizinhos, seguido de 17,72% de familiares e na categoria outras relações, observa-se que 1,40% foram violências praticadas por ex-companheiros das vítimas, um decréscimo, visto que em 2011 os companheiros correspondiam a 11,60% dos perpetradores. Ressalta-se que os dados referem-se aos registros de homofobia que foram reportados à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, mas não se pode deixar de frisar a existência da subnotificação que contribui para a ocultação dessa problemática.

Já a homofobia internalizada gera uma série de questionamentos sobre o próprio “eu” do indivíduo, ocasionando sentimentos como vergonha, insegurança, medo, culpa, impulsos de agressividade ou de vitimização o que implica diretamente na qualidade dos relacionamentos amorosos e pode afetar tanto a vítima como o agressor. A homofobia internalizada pode gerar no agressor uma baixa autoestima que tem a possibilidade de aumentá-la exercendo controle e poder sobre outrem. Já para a vítima a homofobia

internalizada pode fazer com que ela perceba o relacionamento entre homossexuais como uma aberração, um pecado e que a violência é própria desse tipo de relação errada e doentia. O sentimento de culpa domina a vítima e faz com que permaneça na relação violenta (NUNAN, 2004).

O preconceito sexual afasta os amigos e familiares dos homossexuais, deixando a vítima de violência doméstica sem base e apoio parental para enfrentar a situação vivenciada. As vítimas contam com a falta de serviços especializados, de profissionais capacitados e treinados na violência na relação homoafetiva.

O medo e ameaça da revelação da orientação sexual para familiares, amigos e colegas de trabalho, também estão presentes nos conflitos dos relacionamentos entre homossexuais. Os autores Nunan (2004) e Vickers (1996) enumeram algumas formas de abuso psicológico e controle que o agressor utiliza contra a vítima, tais como: que os serviços de atendimento a vítimas de violência são homofóbicos; que a vítima é merecedora da violência, pois é homossexual; fazer a vítima acreditar que o comportamento violento é normal nos relacionamentos entre homossexuais, etc.

Outro aspecto específico dos relacionamentos homoafetivos é a presença do HIV/AIDS e por vezes a contaminação intencional do parceiro. Especificamente em relacionamento de casais gays, o agressor soropositivo pode fingir estar doente para que não seja abandonado pela vítima, além de utilizar a violência como uma consequência da doença. Já para as vítimas soropositivas, o agressor pode ameaçar a divulgar a doença, além de esconder os medicamentos necessários para o controle da doença, nesta situação a vítima permanece na relação com receio de ficar sozinha e não ter condições de prosseguir com o tratamento sem o auxílio do parceiro, utilizando-se claramente da violência psicológica (VICKERS, 1996; NUNAN, 2004; CANTERA, 2007; COSTA; MACHADO; ANTUNES, 2011).

3 MATERIAL E MÉTODOS

Realizou-se um estudo exploratório e descritivo de caráter quantitativo para a análise dos dados levantados a partir dos Boletins de Ocorrências registrados na Delegacia de Atendimento a Mulher – DEAM, o banco de dados foi disponibilizado pela Secretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal - SIAC, vinculada à Secretaria de Segurança Pública do Pará – SEGUP.

O recorte temporal foi o período referente aos anos de 2011 a 2015, tendo sido encontrado o total de 9.794 ocorrências de violência doméstica que foram extraídas do Sistema Integrado de Segurança Pública (SISP), disponibilizados para análise no mês de Agosto de 2016. Em seguida procedeu-se a leitura das ocorrências tendo como critérios de inclusão para o estudo: (1) que vítima e autora fossem do sexo feminino, o que refinou o quantitativo para 78 BOs; (2) que na leitura do relato fosse identificado a situação de violência doméstica na relação amorosa, que reduziu para 51 BOs; e (3) que a vítima pertencente ao município de Belém-PA (por ser a capital do Pará), que resultou no censo de 48 BOs.

Após a identificação dos 48 BOs, realizou-se a leitura e análise minuciosa das ocorrências para que contribuísse na construção do perfil das vítimas e autoras, assim utilizou-se as seguintes variáveis: idade, faixa etária, estado civil, escolaridade e ocupação. Observou-se que muitos registros apresentavam dados incompletos, o que dificultou o levantamento de informações para compor o perfil como raça, cor, número de filhos, renda entre outros. Foi possível identificar a motivação para a ocorrência da violência, tempo de relacionamento, local da ocorrência e a tipificação criminal mais frequente nos registros de violência doméstica entre lésbicas.

Desenvolveu-se a pesquisa de campo e bibliográfica, utilizou-se o software (Microsoft Excel) para a construção do banco de dados e das tabelas o que contribuiu para utilização da técnica estatística de Análise Descritiva (BUSSAB; MORETTIN, 2013).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Depreendeu-se das características gerais das mulheres vítimas e autoras de violência doméstica na relação homoafetiva entre lésbicas, que, de um modo geral, apresentam perfis semelhantes. A seguir, na Tabela 01, apresentam-se os dados estatísticos referente à idade das mulheres em situação de violência doméstica.

Tabela 01: Estatística para as idades das mulheres vítimas e autoras de violência doméstica na relação homoafetiva, registradas na Delegacia de Atendimento a Mulher- DEAM de Belém/PA, no período de 2011 a 2015.

Estatística	Idade (em anos)	
	Vítima	Autora
Média	34	35
Moda	44	27
Mínimo	15	20

Fonte: SISP- WEB, PA. Agosto/2016.

A partir dos resultados acima, pode-se inferir que a média da idade das mulheres foi de 34 anos para as vítimas e 35 anos para as acusadas, o que destoa do estudo apresentado por Costa et al. (2011) que apresenta a média da idade de 29 anos. As discrepâncias de idade, apontam os autores, podem ser derivadas do quantitativo dos participantes, que por vezes são pequenas e decorrem da seleção por conveniência do pesquisador, devido a dificuldade do movimento homossexual em socializar e falar sobre a violência doméstica.

Em relação às idades mínimas e máximas, observadas, na Tabela 01, para as vítimas, foram de 15 e 57 anos respectivamente; já para as acusadas a idade mínima foi de 20 e a máxima de 62 anos. A idade mais observada das vítimas foi de 44 anos e nas acusadas foi de 27 anos. Importa destacar que as autoras de comportamento abusivo na relação homoafetiva são em sua maioria jovens (27 anos), tal fato poder ser associado a falta de controle emocional em lidar com problemas, o que pode levar o indivíduo a utilizar-se de atitudes agressivas e violentas para solucionar os conflitos conjugais (COSTA et al., 2011).

Foi possível identificar que o tempo médio de relacionamento entre as lésbicas estudadas foi de cinco anos e meio (5,5). O que contraria o mito de que os relacionamentos entre homossexuais são efêmeros e baseados na satisfação sexual (VICKERS, 1996). Para Nunan (2004) a falta de suporte familiar a que lésbicas podem estar sujeitas, devido ao preconceito quanto a orientação sexual, facilitam a permanência em longas relações amorosa, que por vezes pode ser único apoio emocional existente para elas.

Apresenta-se na Tabela 02, o perfil das mulheres vítimas e autoras envolvidas em situação de violência doméstica na relação homoafetiva. A caracterização dessas mulheres se faz necessária para que se possa identificar aspectos que evidenciam a ocorrência desse problema no relacionamento entre lésbicas.

Tabela 02: Percentual do perfil de mulheres vítimas e autoras de violência doméstica na relação homoafetiva que registraram boletim de ocorrência na Delegacia de Atendimento a Mulher-DEAM de Belém-PA, no período de 2011 a 2015, por Faixa etária, Estado civil, Escolaridade e Ocupação.

Vítima			Acusada		
Variável	Categoria	Percentual	Variável	Categoria	Percentual
Faixa etária	15 —25	31,25	Faixa etária	15 —25	22,22
	25 —35	16,67		25 —35	26,67
	35 —45	35,41		35 —45	31,11
	45 —55	12,50		45 —55	17,78
	55 —65	4,17		55 —65	2,22
Estado civil	Solteira	72,08	Estado civil	Solteira	71,05
	União estável	23,26		União estável	28,75
	Divorciada	2,33	E.F.I.	11,76	
	Viúva	2,33	E.F.C.	2,94	
Escolaridade	E.F.I.	2,94	Escolaridade	E.M.I.	14,71
	E.F.C.	2,94		E.M.C.	29,41
	E.M.I.	20,59		E.S.I.	20,59
	E.M.C.	32,35		E.S.C.	20,59
	E.S.I.	20,59		Setor de Serviço	30,56
	E.S.C.	20,59		Setor de Comércio	19,44
Ocupação	Setor de Serviço	30,55	Ocupação	Dona de Casa	13,89
	Setor de Comércio	27,78		Estudante	8,33
	Setor Público	13,89		Setor de Educação	8,33
	Estudante	8,33		Setor Empresarial	8,33
	Setor de Educação	8,33		Setor de Saúde	5,56
	Setor de Saúde	5,56		Setor de Comunicação	2,78
	Dona de Casa	2,78		Setor Público	2,78
	Setor Industrial	2,78			

Fonte: SISP- WEB, PA. Agosto/2017.

Nota: E.F.I.: Ensino Fundamental Incompleto; E.F.C.: Ensino Fundamental Completo; E.M.I.: Ensino Médio Incompleto; E.M.C.: Ensino Médio Completo; E.S.I.: Ensino Superior Incompleto; E.S.C.: Ensino Superior Completo.

Na tabela acima, observa-se que a faixa etária de 35 a 45 anos foi predominante tanto para as vítimas quanto para as acusadas, tendo as primeiras um percentual de 35,41% e as segundas 31,11%. O estado civil das vítimas e acusadas foi em sua maioria de solteira com percentuais de 72,08% e 71,05% respectivamente. Em relação à escolaridade a maior parte tem o Ensino Médio Completo com 32,35% para as vítimas e 29,41% para as acusadas, porém observa-se a igualdade de percentuais (20,59%) tanto de vítimas como de acusadas que já possuem e/ou estavam cursando o Ensino Superior, o que se deduz que buscam uma melhor qualificação educacional. Quanto à ocupação no mercado de trabalho, a maior parte de vítimas encontra-se no setor de serviços (motogirl, atendente, feirante) com 30,55 % e as das acusadas no mesmo setor com 30,56%.

Em relação aos demais dados, como a cor, raça, renda, se possuem filhos e orientação sexual que poderiam compor o perfil socioeconômico das mulheres lésbicas que foram atendidas na DEAM, observou-se a inexistência dos dados por falta de preenchimento das abas do sistema de registro de boletins de ocorrência. A inexistência de um protocolo padrão para o preenchimento do sistema deixa claro que se trata apenas de uma tarefa burocrática, onde cada profissional prioriza os dados que achar mais importante ou até mesmo nenhum dado, conferindo pouca importância ao fenômeno de violência. A falta de dados dificulta conhecer a realidade e prejudica a criação de mecanismos para o enfrentamento da problemática, além de ser um alerta a questões relacionadas a homofobia institucionalizada.

Em relação à falta de registro, Barros e Freitas (2009) ponderam e ressaltam questões importantes que permeiam e contribuem para a naturalização da violência.

A invisibilidade dos fenômenos não permite a criação de indicadores e de estratégias para sanar a questão. Essa sempre foi uma preocupação central em nossos estudos. Contribuindo com os objetivos da Lei Maria da Penha, entendemos que as estatísticas sobre a violência doméstica e familiar contra a mulher devem estar efetivamente 'incluídas nas bases de dados dos órgãos oficiais do Sistema de Justiça e Segurança afim de subsidiar o sistema nacional de dados e informações relativos às mulheres' (Art. 38) . Mas para isso, esses indicadores, esses dados precisam ser colhidos (BARROS; FREITAS, 2009, p.176-177).

A tabela abaixo apresenta as características das ocorrências do fenômeno da violência doméstica na relação afetiva entre lésbicas. As informações fazem referência a motivação para o estabelecimento do fato abusivo, o tipo de crime predominante e o local da efetivação da ação agressiva.

Tabela 03: Percentual de característica dos registros efetivados por mulheres lésbicas vítimas de violência doméstica na relação homoafetiva na Delegacia de Atendimento a Mulher-DEAM de Belém-PA, no período de 2011 a 2015, por Motivação da violência, Tipificação do crime e Local da ocorrência .

Variável	Categoria	Percentual
Motivação da violência	Fim do relacionamento	68,75
	Ciúme	22,92
	Sem motivo	4,17
	Conflito familiar	2,08
	Raiva	2,08
Tipificação do crime	Ameaça – caput	50,01
	Lesão corporal simples	30,43
	Perturbação da tranquilidade – caput	8,70
	Vias de fato – caput	4,35
	Dano – caput	2,17
	Difamação – caput	2,17
	Perturbação do sossego alheio	2,17
Local da ocorrência	Residência	79,20
	Via pública	14,50
	Bar, café	4,20
	Hospital	2,10

Fonte: SISP- WEB, PA. Agosto/2017.

Observa-se, na tabela acima, que 68,75% dos casos tiveram como motivação para o comportamento agressivo e violento a não aceitação do término do relacionamento, seguido pelo ciúme com 22,92%. Destes dados pode-se inferir que o ato violento tem como intenção coagir e controlar os desejos, atitudes e condutas da vítima fazendo prevalecer às vontades da agressora configurando em um grave abuso de poder. De acordo com Rohrbaugh (2006) e Avena (2010) o ciúme excessivo é uma característica presente nos relacionamentos lésbicos, e ressaltam que assim como ocorre nos relacionamentos heteroafetivos, as lésbicas agressoras temem serem abandonadas ou deixadas pelas companheiras, desta feita utilizam a violência para manipular e manter o relacionamento sobre controle.

Verifica-se, na Tabela 03, que a variável tipificação do crime está diretamente relacionada com as formas de violência de que trata o Art. 7º da lei Nº 11.340/2006 (Maria da Penha). O crime de Ameaça que representa o maior percentual com 50,01% somado com os crimes de Perturbação da tranquilidade que obteve 8,70% e Perturbação do sossego alheio com 2,17% dos casos registrados refletem a violência psicológica (60,88%) que se manifesta por meio de ofensas verbais e escritas, intimidações, humilhações, isolamento, dano emocional, etc. A violência física (34,78%) que pode ser definida como qualquer comportamento que prejudique a integridade corporal da vítima, podendo ser constatada pelos crimes de Lesão corporal, que representa 30,43%, e Vias de fato, com 4,35 % das ocorrências efetivadas.

Neste estudo e na pesquisa realizada por Costa et al. (2011), a violência psicológica apresenta-se como a mais recorrente com 60,88% e 30,5% respectivamente. Cabe destacar que a violência psicológica tende a ocorrer, por vezes, de forma sutil durante um longo período dentro do relacionamento, sendo difícil percebê-la, pois se manifesta por meio de pequenos atos violentos. Assim, por sua frequência cotidiana a violência psicológica pode causar mais sofrimento negativo para a vítima do que as outras formas de violência.

De acordo com os resultados da Tabela 03, 79,20% dos atos de violência foram praticados em meio privado, ou seja, na residência do casal. Tendo a especificidade de tratar-se de um casal de lésbicas, e de todo o preconceito e discriminação sexual existente contra os homossexuais “sair do armário” de forma dupla (primeiro por assumir-se lésbica; e segundo assumir sofrer violência doméstica) torna-se uma difícil decisão. Efetivar um registro de ocorrência implica em questões que muitas vítimas não estão preparadas para enfrentarem sozinhas, somando-se a falta de apoio de amigos, familiares e de profissionais treinados, esconder-se parece ser a opção mais viável (NUNAN, 2004).

5 CONCLUSÃO

O problema da violência doméstica atinge todas as mulheres, independente de orientação sexual. A maior evidência desse tipo de violência foi direcionada para os casais heteroafetivos, o que oculta a ocorrência entre os homoafetivos. Assim, a intenção da pesquisa foi realizar um levantamento que identificasse a existência dessa questão entre mulheres lésbicas.

A falta de pesquisas que abordem a temática da violência doméstica entre mulheres lésbicas, colabora para a invisibilidade dessa problemática. Assim, o trabalho

contribui para a quebra da visão unicamente heteroafetivo e pretende ampliar a discussão e visibilizar que mulheres que são agredidas por outras mulheres na relação afetiva, necessitam de ações efetivas do Estado para o enfretamento dessa violação.

O estudo teve suas limitações, pois pesquisar a violência no universo que compreende os relacionamentos lésbicos não se constituiu em uma tarefa fácil, visto a existência do preconceito e discriminação sexual em falar sobre esse assunto “tabu” para a comunidade homossexual. Informações incompletas no boletim de ocorrência dificultou a melhor composição do perfil das mulheres estudadas. Não foi possível prosseguir com a pesquisa para saber os desdobramentos após o registro na delegacia, se teve inquérito policial, se a vítima foi encaminhada para algum serviço de atendimento psicossocial. Mas essas limitações podem ser objeto de estudo para pesquisas futuras, além que abordar a questão da violência doméstica entre gays, mulher transexual e bissexual.

Contudo, a pesquisa identifica a existência de mulheres lésbicas que sofrem violência doméstica. Sendo assim, cabe ao Estado zelar pela segurança e criação de políticas públicas que englobem os casais de lésbicas para a prevenção, proteção e repressão da violência.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVENA, Daniella Tebar. A violência nas relações lésbicas: realidades e mitos. **Revista Aurora**, 7. 2010. Disponível em http://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/5_artigo.pdf. Acesso em 13/10/2015

BARROS, Nivia Valença; FREITAS, Rita de Cássia Santos. Um registro de invisibilidades: violência e gênero em Niterói. In: SOUSA, José Nilton de (Org.). **Direitos humanos em debate**. Niterói: EdUFF, 2009.

BRASIL. **Lei N. 11.340**, de 7 de agosto de 2006, que dispõem sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher- 4.ed., Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BUSSAB, Winton.O.; MORETTIN, Pedro Alberto. **Estatística Básica**. 8.ed., São Paulo: Saraiva, 2013.

CANTERA, Leonor M. **Casais e violência: um enfoque além do gênero**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2007.

COSTA, Laura Gil; MACHADO, Carla; ANTUNES, Rute. **Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade**, Psychologica, 1, 2011.

KOLLER, Silvia H.; ANTONI, Clarissa D. **Violência Intrafamiliar: uma visão ecológica.** In: **Ecologia do Desenvolvimento Humano.** São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 293-310, 2004.

KRUG, E. G. et al. **Relatório mundial sobre violência e saúde.** [S.l: s.n.], 2002.

LUZ, Rafael Reis da; GONÇALVES, Hebe Signorini. **Violência doméstica entre casais homossexuais: a violência invisível.** Revista Bogoas, n. 11, p.79-99, 2014.

MCKENRY, Patrick C.; SEROVICH, Julianne M.; MASON, Tina L.; MOSACK, Katie. **Perpetration of Gay and Lesbian Partner Violence: A Disempowerment Perspective.** Springer Science+Business Media. Journal of Family Violence, v. 21, p. 233-243, 2006.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; CHACON, Suely Salgueiro. **O segundo armário. Análise da violência doméstica entre casais homossexuais.** XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

NUNAN, Adriana. **Violência Doméstica entre casais homossexuais: o segundo armário?** Psico, v. 35, n. 1, p. 69-78, 2004.

RICHARDS, Andrew; NORET, Nathalie; RIVERS, Ian. **Violência e Abuso em relacionamentos de pessoas do mesmo sexo: Revisão da literatura.** Inclusion & Diversity Paper. Research into Practice. n. 5, July, 2003.

ROHRBAUGH, Joanna Bunker. **Domestic violence in same-gender relationships.** Family Court Review, v. 44, n. 2, p. 287–299, April, 2006.

TORO-ALFONSO, José; RODRIGUEZ-MADERA, Sheilla. **Domestic Violence in Puerto Rican Gay Male Couples: Perceived prevalence, intergenerational violence, addictive behaviors, and conflict resolution skills.** Journal Of Interpersonal Violence, v. 19, n. 6, p. 639-654, 2004.

VICKERS, L. **The second closet: domestic violence in lesbian and gay relationships: A Western Australian perspective.** 1996. Consultado em: 14/11/2016. Disponível em: <http://www.austlii.edu.au/au/journals/MurUEJL/1996/37.html>

2.2 ARTIGO CIENTÍFICO 02

Mulheres que batem em mulheres: relatos da ocorrência da violência doméstica na relação homoafetiva de lésbicas em Belém-PA.

Renata dos Santos Alencar¹

Edson Marcos Leal Soares Ramos²

Maély Ferreira Holanda Ramos³

Resumo: O estudo objetiva analisar a ocorrência da violência doméstica na relação homoafetiva de mulheres lésbicas. Realizou-se uma análise a partir dos relatos dos boletins de ocorrência, da Delegacia de Atendimento a Mulher - DEAM de Belém-PA, registrados por mulheres lésbicas em situação de violência doméstica. Procedeu-se uma pesquisa exploratória e descritiva, com uma abordagem qualitativa, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo para analisar os quarenta e oito (48) relatos que foram identificados, referente ao período de 2011 a 2015. Os resultados evidenciaram quatro categorias de análise para a ocorrência da violência doméstica entre lésbicas que foram comportamento abusivo, medida protetiva, recorrência da violência e trivialização da violência. A categoria comportamento abusivo, que englobou as violências psicológica/emocional, física e patrimonial, foi a mais frequente nos relatos das mulheres com 73,69%, seguida da categoria medida protetiva com 24,34%, que correspondem as medidas protetivas de urgência pontuadas na Lei Maria da Penha (11.340/2006). Na análise exploratória as palavras ameaças/ameaçou/ameaçada e proteção foram os termos mais frequentes e importantes identificados nos relatos das vítimas.

Palavras-chaves: Comportamento abusivo; Ameaças; Análise de conteúdo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará e Assistente Social da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos do Pará e da Universidade Federal do Pará. Email: renataalencar83@yahoo.com.br

² Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará. Email: ramosedson@gmail.com

³ Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará. Email: maelyramos@hotmail.com

Women beaten by women: reports on lesbian relationships domestic violence in the city of Belém, state of Pará, Brazil.

Abstract: The purpose of this study is to analyze the reports on domestic violence in lesbian relationships. An analysis was carried out using the descriptive reports of the women's police station records in the city of Belém, registered by lesbian women in situation of domestic violence. The research was exploratory and descriptive with qualitative approach; the content analysis methodology was used in order to analyze the forty eight (48) identified reports from 2011 to 2015. The results indicated four analysis categories regarding the occurrence of domestic violence among lesbian, they are: abusive behavior, protective measure, recurrence of violence and trivialization of violence. The category "abusive behavior", which includes psychological/emotional, physical and patrimonial violence, was the most frequent in the reports (73%), followed by the category "protective measure" (24,34%) that correspond to the emergency protective measures described on the law "Maria da Penha" (law 11.340/2006). Regarding the exploratory analysis, the words "threats/threatened/threaten" and "protection" were the most frequent and important terms identified in the victim's reports.

Keywords: Abusive behavior, Threats, Content analysis

1 INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra a mulher em relacionamentos heteroafetivos é amplamente discutida, debatida e enfrentada, contudo, a mesma preocupação não ocorre com as mulheres que são agredidas por outras mulheres. O movimento de mulheres na década de 1980, no Brasil, teve um papel de destaque na visibilidade e enfrentamento da violência doméstica, deixando de ser um problema de cunho privado (do lar) para tornar-se um problema de caráter público.

Passando a ser um problema público, a violência doméstica ganhou um importante destaque no cenário nacional e internacional. Uma questão que está vinculada a violência doméstica contra a mulher é a socialização do papel de gênero, sempre presente nessas discussões, visto que nas sociedades ocidentais é culturalmente definido o papel do homem e da mulher. Assim, a violência doméstica por muito tempo vem sendo estudada na direção do homem na figura do agressor e a mulher sendo a vítima (desigualdade de gênero).

A importância do olhar de gênero para compreender a violência contra a mulher no relacionamento heteroafetivo é indiscutível. Porém, a visão unicamente de gênero,

invisibiliza a violência em casais homoafetivos, ou criam “mitos” de que a violência entre casais de lésbicas não existe, visto as mulheres tenderem a ser não violentas, passivas, submissas e desfrutarem de igualdade de poder entre elas.

Para este estudo, define-se violência doméstica como qualquer comportamento violento, abusivo e coercitivo onde um indivíduo do casal tenta dominar, controlar e exercer poder sobre o outro (VIGGIANI, 2016). Assim, entende-se que a violência pode ocorrer em qualquer tipo relacionamento independente de orientação sexual.

O artigo em questão visa analisar o fenômeno da violência doméstica, tendo como cenário os relacionamentos homoafetivos entre mulheres. Assim, buscou-se compreender a partir do relato de lésbicas que realizaram denúncia na Delegacia de Atendimento a Mulher a ocorrência dessa problemática. Assim, visibilizar a discussão da violência doméstica nos relacionamentos homoafetivos e possibilitar reflexões necessárias a temática em questão.

2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA RELAÇÃO HOMOAFETIVA DE LÉSBICAS

A Violência doméstica nos relacionamentos lésbicos é uma realidade que tem na invisibilidade o principal aliado para a não problematização dessa violação na sociedade. No Brasil não existe pesquisas e nem dados estatísticos oficiais que abordem essa questão. Diferentemente do que ocorre com a violência doméstica na relação heteroafetiva, que existem publicações anuais de dados que retratam essa triste realidade.

Para Avena (2010) existem alguns fatores que contribuem para a invisibilidade dessa problemática: 1) o recente interesse pela temática, os primeiros estudos ocorreram na Europa e Estados Unidos desde 1990, já a estudos da violência em relacionamentos heteroafetivos existem desde a década de 70; 2) desmistificar dois mitos: a) estereótipo de socialização da mulher como dócil, amável e meiga (a mulher é sempre a vítima na violência doméstica) e b) visão idílica das relações lesbianas, ou seja, seria uma relação entre “iguais” sem necessidade de disputa de poder, uma relação perfeita; 3) Preconceito referente a própria orientação sexual, a discriminação que afeta os homossexuais.

Autoras como Cantera (2007) e Avena (2010) acreditam que a violência doméstica não deve ser vista apenas com o viés de gênero (dualidade: homem x mulher), mas ser compreendida como uma disputa de poder, independente de gênero, mas com o único fim

de exercer controle sobre o outro. Desta feita, entende-se violência doméstica como qualquer agressão física, psicológica ou sexual entre parceiros íntimos com o objetivo de controlar e exercer poder sobre a companheira.(AVENA, 2010).

Em relação a invisibilidade da violência doméstica na relação de lésbicas Santos (2012) assevera que:

Não se fala, não se denuncia, não existe – é com este muro de silêncio que as mulheres lésbicas batidas pelas suas companheiras se debatem quotidianamente, enfrentam um duplo estigma: enquanto lésbicas e enquanto vítimas de violência. Acresce a este ‘duplo armário’ a sua condição de gênero num sistema dominado pelo patriarcado e pelo sexismo, que remete as mulheres para situações agravadas de pobreza e exclusão.” (SANTOS, 2012, p. 20)

O ocultamento da violência entre lésbicas tem no movimento homossexual um aliado, visto que por receio de reforçar estereótipos negativos aos relacionamentos homoafetivos, não debatem e nem procuram enfrentar essa problemática, que pode ter consequências letais para a vítima.

Viggiani (2016) pontua que a prevalência da violência doméstica entre casais de lésbicas corresponde aos percentuais de 25 a 50% das situações, o que a leva a concluir que independente do tipo de relacionamento se hetero ou homoafetivo, as mulheres estão sujeitas a terem uma relação abusiva. Porém, destaca-se duas particularidades que afetam as relações homoafetivas, a primeira refere-se a questão do preconceito sexual o que leva muitos homoassexuais a não se assumirem como tais perante a sociedade e a segunda é a ameaça de revelação da orientação sexual para familiares e amigos.

Para Avena (2010) a mulher em situação de violência doméstica na relação heteroafetiva conta com várias campanhas e ações de caráter preventivo para encoraja-la a enfrentar e superar a violência. Contudo, as mulheres lésbicas em relacionamentos homoafetivos, não são atingidas e nem mencionadas nessas ações. A autora afirma que algumas lésbicas além da violência sofrida, quando buscam apoio em delegacias, enfrentam uma segunda violência que se refere a sua orientação sexual.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa realizada foi de natureza exploratória e descritiva, visando uma maior aproximação, caracterização e descrição da problemática relativa à violência doméstica na

relação homoafetiva de mulheres lésbicas. Para Gil (2011), a pesquisa exploratória tem a premissa de elucidar, desenvolver e explorar novas ideias, e a descritiva visa descrever as características de um dado fenômeno estudado.

Para o melhor desenvolvimento da pesquisa, considerando a natureza dos dados, utilizou-se uma abordagem qualitativa. Cabe destacar que o método qualitativo proporcionou o aprofundamento e a exploração de forma singular do entendimento da violência doméstica no relato de mulheres lésbicas.

Este estudo configura-se como uma pesquisa documental, pois consiste de um tratamento metodológico de documentos. De acordo com Gil (2011) para o desenvolvimento da pesquisa científica, os documentos, que podem ser escritos ou não, são fontes de investigação que contribuem para o esclarecimento de uma determinada realidade. Ainda, segundo o autor supracitado, existem vantagens e possibilidades da utilização da pesquisa documental tais como: (1) o conhecimento do passado de uma forma mais objetiva; (2) a investigação dos processos de mudança sociocultural na população; e (3) possibilita a obtenção de dados sem o constrangimento dos sujeitos.

3.2 Lócus e fontes do estudo

A violência doméstica entre lésbicas, no Brasil, segundo Avena (2010) “é pouquíssimo documentada e não existem pesquisas e estatísticas oficiais sobre a temática” (AVENA, 2010,p. 4). Geralmente as pesquisas são realizadas tendo como recurso as amostragens por conveniência, em organizações não governamentais ou associações de lésbicas. A dificuldade de acesso à população homossexual foi pontuada por Costa, Machado e Antunes (2011), que para realizarem uma pesquisa sobre a violência doméstica entre homossexuais tiveram que ter como participantes membros que pertenciam a “alguma organização homossexual, representando uma minoria particularmente ativa, consciente e informada, que não corresponde ao todo da população homossexual, escondida da homofobia” (COSTA; MACHADO; ANTUNES, 2011, p.22).

Na busca por obter dados oficiais relativos à violência doméstica entre casais de lésbicas, optou-se em recorrer às informações provenientes da Segurança Pública, uma vez que a Lei Maria da Penha (Nº 11.340/2006) é extensiva a toda e qualquer mulher que esteja em situação de violência doméstica, independente de orientação sexual. Assim, foi solicitado

a Secretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal - SIAC, vinculada à Secretaria de Segurança Pública do Pará – SEGUP/PA, o banco de dados referente aos registros de ocorrência da Delegacia de Atendimento a Mulher- DEAM da Capital e Região Metropolitana. Entretanto, para este estudo foi considerado como lócus da pesquisa o município de Belém, por ser a capital do Estado do Pará.

As fontes de documentação para este estudo foram de registros estatísticos e registros institucionais escritos, todos de caráter oficial, provenientes do banco de dados do SIAC-PA. Os dados coletados foram de fontes de natureza primária, visto que compreende-se fonte primária como sendo “aquela que teve uma relação física direta com os fatos analisados, existindo um relato ou registro da experiência vivenciada” (GIL, 2011,p.253).

3.3 Procedimentos de coleta

Para a coleta das informações foi disponibilizada pela SIAC o banco de dados dos registros efetivados pela DEAM de Belém-PA, do período de 2011 a 2015. Quanto ao recorte temporal, vale frisar que a intenção inicial era proceder a coleta das informações desde a implementação da Lei Maria da Penha em 2006, mas, considerando a complexidade do levantamento das informações, decidiu-se analisar a ocorrência do fenômeno nos últimos quatro anos.

Realizou-se a leitura dinâmica dos 9.794 registros de Boletins de Ocorrência - BOs, com atenção para os casos em que a vítima e a autora fossem mulheres, reduzindo para 78 BOs. Destes 78, por meio do LERBOP (software que auxilia na leitura de ocorrências policiais), foram selecionados os casos de violência doméstica entre mulheres lésbicas decorrentes do relacionamento homoafetivo. Destes, foram identificados 51 BOs, sendo que 03 foram excluídos por não pertencerem ao município de Belém, assim, no total foram analisados 48 BOs. Desta forma, os critérios de inclusão pré-estabelecidos foram: (1) que fossem mulheres lésbicas, de qualquer idade; (2) que estivessem em situação de violência doméstica; e (3) que fossem residentes no município de Belém, visto ser a capital do Estado do Pará. Os critérios de exclusão foram todos os casos em que não estivesse configurada a violência doméstica entre lésbicas homoafetivas.

Os dados coletados foram organizados em uma planilha do Excel 2010 e tinham as seguintes variáveis: idade da vítima e autora, escolaridade da vítima e autora, estado civil

da vítima e autora, ocupação da vítima e autora, motivação da violência, tipos de violência, causa presumível, tempo de relacionamento e o relato da mulher em situação de violência. Vale ressaltar que para este estudo, o foco principal foi o relato da mulher lésbica vítima de violência doméstica na relação homoafetiva. As demais variáveis foram utilizadas para subsidiar a caracterização dos relatos.

3.4 Ética

A pesquisa em questão, por envolver seres humanos, exige uma especial atenção relativa às questões éticas. Assim sendo, é relevante esclarecer que: 1) Os sujeitos da pesquisa não foram identificados por seus nomes oficiais, assim como suas informações foram mantidas em inteiro sigilo, considerando que seus relatos só tem sentido como parte do conjunto global das informações; 2) Todos os dados coletados foram previamente autorizados pelas autoridades competentes; e 3) Os pesquisadores assumem toda e qualquer responsabilidade pelas informações divulgadas pela pesquisa.

3.5 Procedimento de análise

Para a análise dos dados optou-se pela técnica de análise de conteúdo, que para Bardin (2011) é

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Com a análise de conteúdo buscou-se investigar o que estava explícito nos relatos das mulheres vítimas de violência para a obtenção de categorias que permitissem fazer inferências sobre o problema pesquisado. A técnica segundo Bardin (2011) organiza-se em três fases: (1) Pré-análise; (2) Exploração do material; e a (3) Tratamento dos resultados, inferência e a interpretação.

A pré-análise foi o momento de organização do material coletado para a sistematização das ideias iniciais. Foi realizada a leitura flutuante dos BOs para conhecimento do documento, e em seguida foram estabelecidos indicadores para delimitar o recorte dos

textos analisados em unidades de contexto e de registro. A unidade de registro é o elemento base de significação da mensagem e visa à quantificação e à categorização da informação. Já a unidade de contexto “serve de unidade de compreensão da unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões [...] são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro.” (BARDIN, 2011, p.137).

A segunda fase refere-se à exploração do material, que foi o momento de realizar o processo de codificação, classificação e categorização dos relatos analisados. Foi necessário o desenvolvimento de um processo de refinamento por agrupamento categorial seguindo oito passos, que auxiliaram na construção das categorias de análise: 1) Delimitação da unidade de contexto: a partir da leitura dos relatos das vítimas, foi possível delimitar trechos nas fontes que refletissem o contexto mais amplo da temática da violência doméstica o que contribuiu para a caracterização da unidade de registro; 2) Delimitação da unidade de registro: foi realizado o recorte das unidades de contexto em orações e frases, tendo como base os registros que revelassem a violência doméstica como qualquer atitude agressiva, que tivesse como fim o estabelecimento de controle e poder de uma parceira sobre a outra (NUNAN, 2004); 3) Levantamento exploratório: análise das unidades de registro para a construção do levantamento inicial, ou seja, classificaram-se os registros que apresentavam diferenças e semelhanças entre si; 4) Categorias iniciais: foi realizada a condensação do levantamento inicial em categorias iniciais; 5) Categorias intermediárias: realizou-se o processo de agrupamento das categorias iniciais que apresentavam códigos de similaridades comuns; 6) Categorias finais: agrupamento final das categorias intermediárias; 7) Teste dos juízes: foi realizada a avaliação da construção das categorias iniciais, intermediárias e finais por dois (02) juízes, pesquisadores da temática da violência doméstica. A margem de corte pré-estabelecida foi de 75% de concordância entre os juízes; 8) Confirmação das categorias finais: após a resposta dos dois juízes e com 100% de concordância, as categorias finais foram validadas. Sucedeu-se, ainda, a análise de frequência de palavras por meio do software Nvivo 10.

3.6 Processo de refinamento categorial – Relatos de Violência

Para a análise dos dados coletados (relatos de violência das mulheres lésbicas), realizou-se o processo de refinamento das categorias, por meio de Análise de Conteúdo. Após análise dos documentos, foi possível realizar o agrupamento categorial progressivo em

categorias iniciais, intermediárias e finais. Abaixo no Quadro 01, observa-se a síntese da codificação.

Quadro 01: Síntese do processo de codificação.

Categorias iniciais	Categorias intermediárias	Categorias finais
1. Ação autoritária (f= 2)	1. Violência emocional /psicológica (f= 72)	I. Comportamento abusivo (f= 112)
2. Término de relação (f= 2)		
3. Atitude controladora (f= 24)		
4. Sentimento de medo (f= 8)		
5. Ameaça para coagir (f= 25)		
6. Ameaça de denegrir (f= 2)		
7. Violência silenciada (f= 1)		
8. Culpa (f= 1)		
9. Alienação parental (f= 1)		
10. Discussão (f= 3)		
11. Ciclo da violência (f= 1)		
12. Revelar orientação sexual (f= 2)		
13. Abordagem agressiva (f= 37)	2. Violência física (f= 37)	
14. Perdas materiais (f= 3)	3. Violência patrimonial (f= 3)	
15. Abrigamento recusado (f= 36)	4. Medida protetiva (f= 37)	II. Medida protetiva (f= 37)
16. Medida protetiva solicitada (f= 1)		
17. Serviço especializado (f= 1)	5. Reincidência (f= 2)	III. Recorrência da violência (f= 2)
18. Reincidência de registro (f= 1)		
19. Incentivo a não registrar BO (Boletim de ocorrência) (f= 1)	6. Não registrar BO (f= 1)	IV. Trivialização da violência (f= 1)

Fonte: Elaborado pelos autores. Janeiro/2017.

3.7 Categorias iniciais

Da leitura dos relatos foi possível identificar um total de dezenove (19) categorias iniciais. A construção de cada categoria deu-se a partir dos trechos dos relatos selecionados, tendo como respaldado o arcabouço teórico balizador desta pesquisa. Das categorias iniciais,

observou-se a existência de elementos análogos que serviram como códigos de similaridade. Tais termos foram agrupados e formaram as categorias intermediárias (Quadro 01).

3.8 Categorias intermediárias

Após a identificação das dezenove categorias iniciais, realizou-se o refinamento daquelas em seis (6) classes intermediárias. A partir do agrupamento das primeiras doze (12) iniciais, foi possível a construção da primeira categoria intermediária, denominada de violência emocional/psicológica. Foram agrupadas nesta categoria, as palavras que reportavam a situações e atitudes que fossem causadores de algum impacto, dano ou sofrimento emocional (Quadro 01).

A segunda categoria intermediária foi denominada de violência física. Esta refere-se aos relatos que evidenciaram algum tipo de atitude, ação ou conduta agressiva de caráter físico. Nesta situação, não houve o agrupamento, somente a mudança de nomenclatura que contemplasse os relatos de abuso físico (Quadro 01).

A terceira categoria intermediária foi intitulada de violência patrimonial, este tipo de violência está elencado na Lei Maria da Penha. Evidenciou-se nos relatos das mulheres vítima de violência doméstica, a prática da violação de bens materiais. Sem elementos para serem aglutinados, a categoria teve apenas a alteração do nome (Quadro 01).

Na sequência, a quarta categoria intermediária, que foi denominada de medida protetiva, originou-se da aglutinação de duas classes iniciais. Esta categoria faz referência às medidas protetivas de urgência, que constituem uma das principais inovações da Lei Maria da Penha (Quadro 01).

Para a construção da quinta categoria intermediária, denominada de recorrência da violência, houve junção de duas classes primárias. Ressalta-se que inicialmente o nome da categoria intermediária era “Recorrência”, mas por sugestão do juiz para melhor adequação a pesquisa, foi alterada para “Recorrência da violência” (Quadro 01).

No Quadro 01, ilustra-se a construção da última categoria intermediária, que faz referência as questões relativas à trivialização da violência ou ainda, ao processo de reprivatização da violência doméstica como algo de pouca importância. Destaca-se que

preliminarmente o nome da categoria intermediária era “Não registrar BO”, porém acatou-se a sugestão do juiz de alteração da nomenclatura para “Recorrência da violência”.

3.9 Categorias finais

Após os processos realizados, notou-se a necessidade de novo agrupamento. Sendo assim, procedeu-se o refinamento das três primeiras classes intermediárias, o que resultou na categoria final “comportamento abusivo”. Esta categoria reflete os comportamentos abusivos que contribuem para as mais diversas formas de violência que a mulher em um relacionamento íntimo pode vivenciar. Para as demais categorias finais, não houve necessidade de realizar o agrupamento (Quadro 01).

Para a validação do processo de refinamento dos termos iniciais, intermediários e finais, dois juízes avaliaram e posteriormente foi calculado o nível de concordância para a constituição dos termos. A avaliação resultou em 100% de concordância, com ajustes na nomenclatura de algumas categorias.

Portanto, os relatos foram organizados em quatro (4) categorias finais: I) Comportamento abusivo; II) Medida protetiva; III) Recorrência da violência; e IV) Trivialização da violência.

3.10 Caracterização dos participantes

Identificou-se que o perfil das mulheres, vítima e agressora, no relacionamento homoafetivo, foi semelhante. A faixa etária mais frequente foi de 35 a 45 anos para ambas, sendo que as vítimas apresentaram um percentual de 35,42% e as agressoras 31,11%. O estado civil predominante, com mais de 70% das lésbicas estudadas, foi de solteira. Quanto a escolaridade, vítimas e agressoras completaram o ensino médio com percentuais de 32,35% e 29,41%, respectivamente. A ocupação laboral mais significativa foi da área de serviços (motogirl, vendedora e comerciante), com 30% para ambos os casos. Foi possível estabelecer que cinco anos e meio (5,5) é o tempo médio de duração dos relacionamentos lésbicos na amostra realizada.

Notou-se a ausência de dados, que não foram preenchidos na ocasião do registro do boletim de ocorrência, que poderiam contribuir para uma melhor caracterização dessas mulheres, como informações de raça, quantidade de filhos, composição familiar e renda.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Comportamento Abusivo

A categoria comportamento abusivo apareceu como a mais frequente, verificou-se sua presença em 73,69% dos relatos analisados. Foi composta por três subcategorias que foram: (1) Violência emocional/psicológica; (2) Violência física,; e (3) Violência patrimonial. No Quadro 02, observa-se a dinâmica da categoria comportamento abusivo:

Quadro 02: Categoria final comportamento abusivo (f= 112).

Quadro matricial da categoria final	
Categoria	Exemplo – de Unidades de registro/ contexto
Violência emocional/psicológica (f= 72)	<p>“há aproximadamente 3 meses estão separadas, porém a citada chamou a relatora para uma conversa, ocasião em que a relatora não se dispôs a reatar a relação, motivando a relatada a proferir ameaças, sob os textuais " que vai denegrir sua imagem, que vai tirar tudo que a relatora tem, acabar coma sua carreira profissional e depois que ia acabar com a vida da relatora” (P03)</p> <p>“ligou para sua família e revelou a opção sexual da relatora ameaçando ainda contar para sua mãe” (P31)</p>
Violência física (f= 37)	<p>“em via pública desferiu socos em várias partes do corpo da declarante rasgando a roupa da declarante em via pública que ficou com o seio à mostra” (P08)</p> <p>“a relatora foi agredida a socos, tapas e pontapés pela companheira” (P14)</p>
Violência patrimonial (f= 3)	<p>“passou a ameaçá-la dizendo "Tu vai ver o que eu vou fazer contigo e com esse apartamento, quando tu voltar tu não vai encontrar nada aqui dentro" (P27)</p>

Fonte: Elaborado pelos autores. Janeiro/2017

Compreende-se comportamento abusivo como qualquer atitude, ação e conduta praticada por um membro do casal na direção do outro, cujo objetivo seja dominar, controlar e exercer poder sobre o parceiro (NUNAN, 2004; PITILLI, 2016). Tais comportamentos

manifestam-se de diferentes formas e causam grandes danos a vida da mulher em situação de violência doméstica.

4.1.1 Violência emocional/psicológica

Para esta pesquisa, considera-se violência emocional/psicológica como um comportamento abusivo que se caracteriza por condutas ameaçadoras que causem sofrimento para a vítima que pode ser de forma verbal, escrita, a partir de gestos intimidadores e ainda situações que tenha como intenção “denegrir, chamar nomes, criticar, manipular, humilhar, fazer sentir culpa, reforçar homofobia internalizada” (PITILLI, 2016, p.10).

No primeiro relato da violência emocional/psicológica (Quadro 02), observa-se a semelhança da ação abusiva que pode ocorrer tanto em relacionamento hetero como no homoafetivo. O desejo de reatar o relacionamento pela agressora e a negativa da vítima, configura-se como um estopim para desencadear uma série de ameaças, que tem como finalidade intimidar e forçar a vítima a permanecer no relacionamento abusivo. Esses comportamentos foram recorrentes nos relatos analisados.

Observa-se no segundo relato, destacado no Quadro 02, uma forma de violência emocional/psicológica que só ocorre nos relacionamentos homoafetivos que é a ameaça de revelar a homossexualidade ou “outing” (VICKERS, 1996; COSTA; MACHADO; ANTUNES, 2011; CANTERA, 2007; PITILLI, 2016). Esta modalidade refere-se “a ameaça que o agressor faz de revelar a orientação sexual de seu parceiro para familiares, amigos e chefe, caso este não ceda a suas demandas de controle e poder” (NUNAN, 2004, p. 8). O receio de sofrer com o preconceito e a discriminação sexual por parte de parentes, colegas e da sociedade, como um todo, dificulta assumir a homossexualidade para muitas lésbicas. Assim, essas mulheres vivenciam um “duplo armário” (COSTA; MACHADO; ANTUNES, 2011), o primeiro por não assumirem que são lésbicas e o segundo de não admitirem a violência dentro do relacionamento amoroso.

4.1.2 Violência física

A subcategoria violência física, refere-se aos comportamentos abusivos que causem danos à integridade física da vítima. Os atos violentos podem ser socos, empurrões, puxões de cabelo, mordidas, chutes, utilização de arma branca e de fogo, jogar objetos, estrangular entre outras.

Os relatos apresentados, no Quadro 02, traduzem as agressões físicas sofridas pelas mulheres lésbicas, o que faz desvelar o mito da socialização da mulher como propensa a não violência, que as agressões entre lésbicas são mútuas ou de que nos relacionamentos entre duas mulheres, as relações de poder são mais simétricas (AVENA, 2010).

A violência física para Costa, Machado e Antunes (2011) foram consideradas as formas mais severas de violência, por vezes podendo levar até a morte da vítima. Ressalta-se que, independente do tipo de relacionamento, a violência física é um grave problema que prejudica a vida a mulher.

4.1.3 Violência patrimonial

Em relação à violência patrimonial, que constitui a última subcategoria deste agrupamento, de um modo geral, caracteriza-se por comportamentos e ameaças da agressora na direção à vítima que tenham o objetivo de causar perdas e destruição de bens materiais, retenção de documentos e objetos pessoais.

No Quadro 02, exemplifica-se com o relato da mulher em situação de violência o receio e as ameaças que foram proferidas pela agressora em relação a possível destruição do apartamento da vítima. Este tipo de violação foi observada em apenas três relatos, mesmo com uma baixa frequência não exclui sua importância.

A tipificação da violência patrimonial na Lei Maria da Penha tem a finalidade de proteger e resguardar o patrimônio da mulher que se encontra em situação de vulnerabilidade e de insegurança para gerir sua vida. Observa-se a existência desse tipo de violência nas relações lésbicas como uma forma de controlar, prejudicar e ameaçar a vítima.

4.2 Medida Protetiva

A categoria medida protetiva foi a segunda mais freqüenciada presente em 24,34% nos relatos estudados. No Quadro 03, visualiza-se a categoria supracitada, bem como os relatos que deram origem a ela.

Quadro 03: Categoria final medida protetiva (f=37).

Quadro matricial da categoria final

Categoria	Exemplo – de Unidades de registro/contexto
Medida protetiva (f=37)	<p>“foi oferecido casa abrigo, mas não foi aceito pela relatora” (P39)</p> <p>“quanto às Medidas Protetivas estabelecidas na Lei Nº 11.340/2006 optou pelas seguintes: (Contra a agressora: Proibição de determinadas condutas, entre as quais: a)-aproximação da ofendida, de seus familiares e das testemunhas , fixando o limite máximo de distância entre estes e o agressor ; b)-contato com a ofendida , seus familiares e testemunhas por qualquer meio de comunicação ; c)-frequentar determinados lugares a fim de preservar a integridade física e psicológica da ofendida” (P45)</p>

Fonte: Elaborado pelos autores. Janeiro/2017.

As medidas protetivas - MP contidas na Lei Maria da Penha - LMP constituem um verdadeiro avanço para o enfrentamento e a imediata repressão da situação de violência doméstica contra a mulher. As medidas protetivas pretendem salvaguardar a vida e garantir a proteção dos direitos humanos das mulheres. A LMP destaca dois tipos de medidas protetivas: 1) as que protegem a vítima; e 2) as que obrigam a agressora.

No primeiro relato do Quadro 03, verifica-se o oferecimento de abrigo como medida protetiva de urgência, a fim de afastar a vítima do lar e da convivência com a agressora. Cabe ressaltar que no Art. 35 da LMP prevê a criação de serviços para prevenir e assistir mulheres vítimas de violência doméstica, dentre esses serviços às casas abrigos que possam atender as mulheres e seus dependentes. Neste contexto, cabe à autoridade policial, no momento da ocorrência, informar sobre os serviços a que a mulher tem direito, o que se observou na maioria dos relatos, entretanto, nenhuma mulher aceitou tal serviço.

Os serviços de casa abrigo, de um modo geral, foram estruturados para o atendimento de mulheres em relacionamentos heteroafetivos. Nunan (2004) afirma que no caso das lésbicas “estas poderiam utilizar serviços direcionados a mulheres heterossexuais, mas como os abrigos estão abertos para todas as mulheres é possível que a vítima não se sinta segura, visto que a agressora pode ter acesso ao local” (NUNAN, 2004, p. 14).

No Quadro 03, no segundo relato, nota-se a requisição da medida protetiva pela vítima. Tal fato foi observado em apenas um relato, em que a vítima solicita medida protetiva de urgência contra a agressora. Contudo, na pesquisa realizada por Diniz e Gumieri (2016), que analisou a implementação das medidas protetivas no Distrito Federal de 2006 a 2012, os

autores constataram que em relacionamentos heteroafetivos, em 95% dos casos houve o pedido da medida protetiva pela própria vítima.

Nesse contexto, ressalta-se a pesquisa realizada pela Associação de Lésbica Feminista de Brasília – Coturno Vênus, intitulada de “Lei Maria da Penha para todas: lésbicas em ação para cidadania, protagonismos e direitos humanos”. O estudo, ao questionar se as lésbicas tinham o conhecimento sobre a utilização da LMP nos casos de violência entre casais de lésbicas, a maioria (52%) respondeu que sim, porém um quantitativo significativo de 48% respondeu que não sabiam de tal prerrogativa (SANTOS, ARAÚJO, RABELLO, 2014). Assim, infere-se que a falta de informações mais claras e precisas para a população lésbica quanto à utilização da LMP, pode ser um dos fatores pelo baixo número de registros e consequentemente de solicitação de medidas protetivas.

4.3 Recorrência da Violência

Recorrência da violência foi a terceira categoria, apresentou uma frequência absoluta de duas (2) ocorrências. No Quadro 04, verifica-se os relatos que sustentaram a construção da categoria.

Quadro 4: Categoria final Recorrência da violência (f= 2).

Quadro matricial da categoria final	
Categoria	Exemplo – de Unidades de registro/contexto
Recorrência da violência (f=2)	<p>“Relata ainda que já procurou o serviço social desta especializada, que inicialmente amenizou por três meses, mas que o problema continua...” (P27)</p> <p>“Desde a separação ocorreram vários desentendimentos, os quais já foram registrados em boletins de ocorrência anteriores.” (P16)</p>

Fonte: Elaborado pelos autores. Janeiro/2017.

A categoria da recorrência da violência teve como principal foco ratificar que os episódios de violência doméstica não ocorrem de forma única e isolada, mas de forma cíclica. Cabe destacar, que esta categoria faz referência às mulheres que em situações anteriores de comportamento abusivo da companheira, foram em busca de ajuda para enfrentar a violência.

Constata-se, conforme verifica-se no Quadro 03, a pouca frequência desta categoria nos relatos das lésbicas em situação de violência doméstica, Schraiber et al. (2008) afirmam que as mulheres que procuram os serviços especializados são as que vivenciam situações mais graves de violência doméstica. A tendência em negar ou de reconhecer a

violência na relação afetiva faz com que as vítimas não procurem apoio de profissionais, ou ainda o façam em última instância.

Uma questão a ser apontada é se os serviços especializados possuem treinamento para atender situações de violência doméstica na relação homoafetiva. Contudo, talvez a baixa frequência desta categoria tenha relação com questões relativas ao preconceito, discriminação ou de que não querer reforçar estigmas negativos aos relacionamentos homoafetivos.

4.4 Trivialização da violência

A última categoria foi a Trivialização da violência foi a menos freqüenciada com apenas uma (1) ocorrência. No Quadro 05 apresenta-se o relato que evidenciou a categoria em tela.

Quadro 05: Categoria final Trivialização da violência (f=1).

Quadro matricial da categoria final	
Categoria	Exemplo – de Unidades de registro/contexto
Trivialização da violência (f= 1)	“segundo a declarante, a mesma pediu para os Policiais Militares não identificados para ser conduzida para uma Delegacia sendo orientada pelos mesmos a refletir se era isso mesmo que queria, pois naquela ocasião como era domingo a Delegacia estaria muito tumultuada.” (P45)

Fonte: Elaborado pelos autores. Janeiro/2017.

A categoria da trivialização da violência significa banalizar, minorizar e reprivatizar o conflito da violência doméstica. O relato que deu origem a esta categoria, faz ressurgir a discussão da violência doméstica como um crime de “menor potencial ofensivo”, que foi abolido pela Lei Maria da Penha.

No relato do Quadro 04, a vítima ao solicitar apoio dos policiais foi “orientada a refletir” quanto ao seu desejo denunciar ao não a agressora. Trivializar os episódios de violência doméstica dando pouca importância a sua significância pode contribuir para que a vítima se convença “de que a violência é, de algum modo, culpa sua, e que poderia ter sido evitada se ela soubesse como agir” (NUNAN, 2004, p .3). A violência doméstica vista como um problema privado e pessoal, especificamente nos relacionamentos lésbicos, colabora para a invisibilidade do fenômeno.

No contexto das relações homoafetivas, existem alguns agravantes, mitos, que podem colaborar para a trivialização da violência tais como: 1) A crença de que os

relacionamentos homoafetivos são efêmeros, por privilegiarem os aspectos sexuais em detrimento dos afetivos; 2) O senso comum de que briga entre lésbicas é um conflito mútuo, não existe vítima; 3) O ideário de julgar que a violência nos relacionamentos homoafetivos é normal (VICKES, 1996; NUNAN, 2004; CANTERA, 2007). O desvelamento desses mitos acerca da comunidade lésbica pode auxiliar na visibilidade e superação da violência doméstica.

4.5 Análise exploratória

A análise exploratória refere-se à parte quantitativa da análise de conteúdo, remetendo-se especificamente a técnica de análise de frequência de palavras. Esta técnica abordou as palavras mais importantes, considerando a quantidade de vezes que as mesmas apareceram nos relatos das mulheres vítimas de violência doméstica. A Tabela 01 foi gerada a partir da utilização do software Nvivo 10, que calculou as palavras mais frequentes.

Tabela 01: Percentual das palavras mais frequentes, identificadas nos relatos das mulheres vítimas de violência doméstica na relação homoafetiva, DEAM- Belém-PA, período de 2011 a 2015.

Palavra*	Frequência	Frequência (%)
Ameaças/ameaçou/ameaçada	37	111,00
Proteção	19	56,00
Albergue	19	56,00
Fisicamente	11	33,00
Discussão	09	21,00

Fonte: Elaborado pelos autores. Janeiro/2017.

Nota: (*) Refere-se as cinco primeiras palavras mais frequentes nos relatos das mulheres em situação de violência doméstica.

Observa-se, na Tabela 1, os dois *outputs*, ou seja, os resultados da técnica, que foram a frequência absoluta e a percentual. Destacam-se as cinco palavras mais importantes, que foram consideradas como categorias de análise. Assim, uma forma de representá-las é por meio da nuvem de palavras.

Figura 1: Nuvem de palavras



Entende-se que para a nuvem de palavras quanto maior o tamanho, mais frequente e, portanto mais importante será na base de dados (Figura 1). Os termos em destaque foram “estado” e “vítima”, que devido a natureza dos relatos e ao protocolo das ocorrências não foram consideradas como categorias. Assim, destacou-se como as mais importantes nos relatos das mulheres as palavras “ameaças/ameaçou/ameaçada”, “proteção”, “albergue”, “fisicamente” e “discussão”.

Para a análise exploratória, optou-se pela apresentação das duas palavras mais relevantes que foram “ameaças/ameaçou/ameaçada” e “proteção”, pois ambas aparecem em um quantitativo total de trinta e sete (37) e dezenove (19) vezes respectivamente e por remeterem as categorias de análise dessa pesquisa.

Das palavras “ameaças/ameaçou/ameaçada”, decidiu-se em apresentar a árvore da palavra ameaças (Figura 2), sem prejuízo das outras duas, visto que nos relatos das ofendidas tais termos se referem a situações de ameaça e de comportamento abusivo das (ex)companheiras.

Figura 2: Árvore da palavra ameaças.



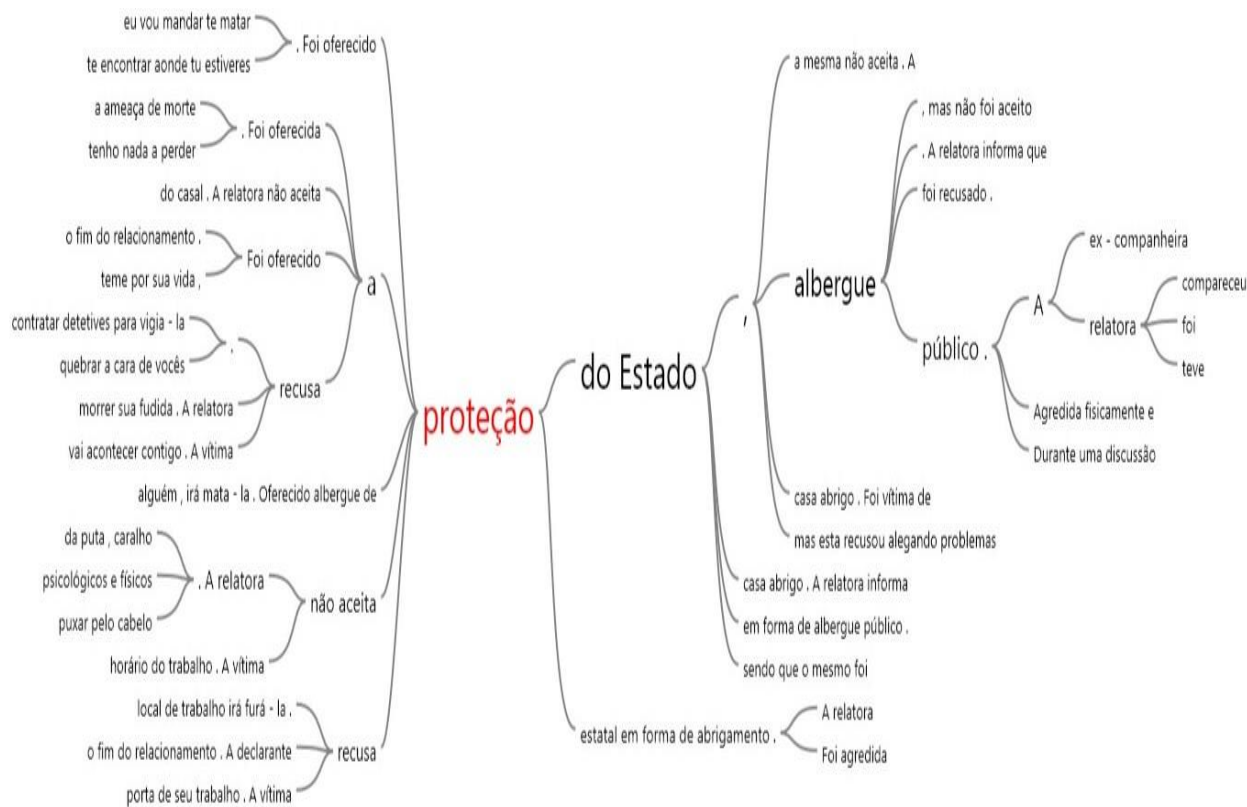
Da palavra “ameaças” depreende-se uma conjuntura atribulada e conflituosa relatada pela mulher em situação de violência doméstica na relação amorosa. Observa-se que as ameaças foram motivadas por vários fatores tais como não aceitar o fim do relacionamento, frustração na tentativa de reatar a relação, ciúmes, traição, agressividade.

Nas frases a “relatora não se dispôs a reatar a relação, motivando a relatada a proferir ameaças”, “ameaças sob os textuais que vai denegrir sua imagem”, “ameaças por parte de sua ex-namorada. A declarante vem comunicar que estão separadas” entre outras que podem ser visualizadas na Figura 2, caracterizam o que Pitilli (2016) denomina de abusos que ocorrem após a separação. Esses abusos, caracterizados em forma de ameaças praticadas pela agressora, tem a finalidade de tentar manter o contato contínuo com a vítima, para que a mesma reate o relacionamento.

As ameaças podem provocar sensações de insegurança e medo, Cantera (2007) destaca que esses sentimentos desempenham um papel importante na dinâmica da violência doméstica na relação amorosa. Podem ser transformadores e motivarem a mulher a romper com a violência, ou podem levar a vítima a se isolar, silenciar e dificultar a busca de apoio para enfrentar a violência.

Verifica-se na Figura 3 o output da técnica árvore de palavras que apresenta o contexto em que está inserido o termo “proteção”, bem como os conectivos que evidenciaram a importância do mesmo.

Figura 3: Árvore da palavra “proteção”.



No contexto em que repetidas vezes aparece a palavra proteção nos relatos de lésbicas em situação de violência doméstica, alerta para a necessidade da criação de mecanismos e ações que deem conta dessa realidade. Observa-se que após as situações de violência verbalizadas pelas vítimas, que no momento em que resolvem procurar formas de romper com os abusos da agressora, a resposta oferecida pelo Estado foi a proteção em forma de albergue.

Verificou-se que em dezenove (19) relatos de mulheres, onde foi oferecida a casa-abrigo, nenhuma mulher aceitou tal proteção. Esta situação causa diversos questionamentos, visto que existem outros tipos de proteção que poderiam ser oferecidos à vítima, como afastar a agressora do domicílio da vítima para que a mesma possa retornar ao seu lar, informar das medidas protetivas que podem ser requeridas pela ofendida previsto nos Art. 23 e 24 da LMP.

Da Figura 3, destacam-se as frases “eu vou mandar te matar” e “alguém irá matá-la” que não podem ser desconsideradas, essas expressões configuram violência psicológica e podem ser concretizadas com a morte da vítima. E também, essas situações podem desencadear sentimentos negativos como medo, receio, vergonha, culpa e outros. Santos (2012), alerta para a tendência em valorizar a violência física em detrimento da psicológica,

mas destaca que esta última pode trazer problemas sérios para as mulheres lésbicas, visto serem de natureza emocional, portanto imensurável.

5 CONCLUSÃO

Pautar a discussão da violência doméstica entre mulheres homoafetivas, foi desafiador e ao mesmo tempo enriquecedor. Um desafio devido as poucas pesquisas que abordam esta temática, complementada pela falta de informações de caráter oficial que evidenciem esse fenômeno.

As categorias de análise Comportamento abusivo, Medida protetiva, Recorrência da violência e Trivialização da violência, possibilitaram perceber as características da violência entre lésbicas a partir das falas/relatos das vítimas. Desta feita, destaca-se mais as semelhanças do que as diferenças nas ocorrências de violência nos relacionamentos hetero e homoafetivos. Da análise exploratória, foi possível identificar que as agressoras utilizam diversas formas de ameaças, na tentativa de controlar e exercer poder sobre a vítima para que permaneçam na relação violenta. De outra forma, entende-se que essas mesmas ameaças impulsionaram as vítimas a procurarem proteção e denunciarem suas (ex)companheiras.

Faz-se necessário romper com o silêncio que paira sobre a realidade das lésbicas que vivenciam situações de violência na relação homoafetiva. E sobretudo, contribuir para a visibilidade do problema a fim de que toda e qualquer mulher possa ter condições e apoio estatal de superar a violência. O estudo realizado, possui suas limitações, uma vez que não teve condições de prosseguir com a pesquisa no que se refere aos desdobramentos da situação de violência após a denúncia efetivada pela vítima na DEAM; se a vítima foi encaminhada para algum serviço de atendimento a mulher em situação de violência doméstica; se as medidas protetivas foram deferidas ou não pelo juiz. Entretanto, acredita-se que essas limitações podem se transformar em possibilidades de estudo para pesquisas futuras, bem como a ampliação do estudo da violência da relação homoafetiva para mulheres e homens transexuais, bissexuais e homens gays.

Do exposto, entende-se que existem muitas questões a serem exploradas no universo que compreende as relações amorosas homoafetivas. Além da luta contra o preconceito e a discriminação sexual a que as mulheres lésbicas são alvo recorrentes, a

violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo, também, configura-se como um sério problema social que dever ser enfrentado por todos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

AVENA, Daniella Tebar. **A violência nas relações lésbicas: realidades e mitos**. Revista Aurora, v. 7, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 2011.

CANTERA, Leonor M. **Casais e violência: um enfoque além do gênero**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2007.

COSTA, Laura Gil; MACHADO, Carla; ANTUNES, Rute. **Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade**, Psychologica, 1, 2011.

DINIZ, D.; GUMIERI, S. Implementação de medidas protetivas da Lei Maria da Penha no Distrito Federal entre 2006 e 2012. In: PARESCHI, A. C. C.; ENGEL, C. L.; BAPTISTA, G. C. (Org.). **Direitos humanos, grupos vulneráveis e segurança pública**. Brasília, DF: Ministério da Justiça, (Coleção Pensando a Segurança Pública, v. 6). p. 205-231, 2016.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

NUNAN, Adriana. **Violência doméstica entre cassais homossexuais: o segundo armário?** Psico, v.35, n.1, 2004. p. 69 - 78, 2004.

PITILLI, Arianna. Violência na intimidade em relações entre pessoas do mesmo sexo. In: VIGGIANI, Giacomo. **Violência doméstica e em contexto de trabalho sexual contra mulheres LBT na União Europeia**. Portugal. p. 10-23, 2016 Disponível em < http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/violencia_contra_mulheres.pdf >. Acesso em: 22/04/2016.

SANTOS, Ana Cristina. **Entre duas mulheres isso não acontece - um estudo exploratório sobre violência conjugal lésbica**. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 98 | 2012, colocado online no dia 05 Junho 2013, criado a 15 Julho 2015. Disponível em <http://rccs.revues.org/4988> ; DOI : 10.4000/rccs.4988. Acesso em: 13/10/2015.

SANTOS, Tatiana Nascimento dos; ARAÚJO, Bruna Pinheiro; RABELLO, Luiza Rocha. **Percepção de lésbicas e não-lésbicas sobre a possibilidade da aplicação da Lei Maria da Penha em casos de lesbofobia intrafamiliar e doméstica**. Revista Bogas, n.11. p. 101-119, 2014.

SCHRAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flavia P. L.; FRANÇA JUNIOR, Ivan. **Violência sexual por parceiro íntimo entre homens e mulheres no Brasil urbano**, 2015. Revista Saúde Pública; 42, p. 127-137, 2008.

VICKERS, L. **The second closet: domestic violence in lesbian and gay relationships: A Western Australian perspective**. 1996. Consultado em: 14/11/2016. Disponível em: <http://www.austlii.edu.au/au/journals/MurUEJL/1996/37.html>

VIGGIANI, Giacomo. **Violência doméstica e em contexto de trabalho sexual contra a mulheres LBT na União Euporeia**. Portugal. p. 10-23, 2016. Disponível em < http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/violencia_contra_mulheres.pdf >. Acesso em: 22/04/2016.

CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação em tela se propôs a pesquisar e conhecer o fenômeno da violência doméstica na relação homoafetiva de mulheres lésbicas. Tratar de um assunto pouco visibilizado na sociedade, não exclui sua importância, mas faz o alerta para questões que são ocultadas quando se propõe a enfrentar toda e qualquer forma de violação dos direitos da mulher.

O levantamento das situações de violência doméstica registrados na Delegacia de Atendimento a Mulher por lésbicas, mesmo com o quantitativo tímido de quarenta e oito (48) casos identificados na capital de Belém-PA, nos anos de 2011 a 2015, revela a necessidade da criação de mecanismos que possam atender essa demanda específica, bem como a maior divulgação da Lei Maria da Penha para situações de violência entre lésbicas.

Destacam-se alguns achados importantes para a discussão da temática ora abordada, como a similitude em dados estatísticos, do perfil de vítimas e agressoras lésbicas e o fim do relacionamento como a principal motivação para os casos de violência. Esses e os demais resultados, originaram o artigo 01 “Violência doméstica nas relações lésbicas: registros da invisibilidade”, que atendeu de forma preliminar a intenção de pautar e evidenciar os dados da violência doméstica entre mulheres homoafetivas.

Outras implicações importantes da pesquisa foram os resultados das análises dos relatos das lésbicas em situação de violência que foram apresentados no artigo 02 “Mulheres que batem em mulheres: relatos da ocorrência da violência doméstica na relação homoafetiva de lésbicas em Belém-PA”. Evidenciou-se a predominância da violência psicológica nos casos de violência doméstica entre lésbicas, seguida da física e por último a patrimonial. Esse conjunto de formas de violência traduzem de forma explícita e implícita categoria que foi denominada de comportamento abusivo que a agressora pratica contra a sua (ex)companheira. Perpassa pelas relações amorosas, as relações de poder e controle entre os relacionamentos lésbicos. A ameaça como forma de intimidação e coação foi recorrente nas falas das mulheres em situação de violência, e esse sentimento de medo às impulsionaram a denunciarem suas parceiras agressoras. Diante dessas situações observou-se uma segunda categoria denominada de medida protetiva. A principal medida protetiva oferecida pelo Estado foi o abrigo, mas

pela negativa das vítimas em aceita-lo, deduz-se que não foi a melhor alternativa para as lésbicas, e talvez por falta de conhecimentos de outras opções oferecidas pela LMP, as denúncias ficaram a nível de registro de boletim de ocorrência. Concomitante a falta de maior apuração das denúncias, foi possível apresentar as duas últimas categorias que foram a recorrência e a trivialização da violência. A primeira, que pela falta de ações mais enérgicas do Estado, pode incentivar a outros episódios de violência, visto a “certeza” da impunidade. Além disso, todo esse processo conseqüentemente resulta na banalização e minimização da violência doméstica entre duas mulheres.

Acredita-se que a pesquisa atingiu seus objetivos, ao tratar e analisar os dados referente a violência doméstica na relação homoafetiva, para conhecer e compreender a ocorrência desse fenômeno nos relacionamentos entre mulheres lésbicas. Assim, a intenção profícua deste estudo foi de dar visibilidade e reconhecer que a violência doméstica pode ocorrer nos relacionamentos hetero e homoafetivos, visto tratar-se de relações assimétricas de poder. Portanto, deve ser combatida e enfrentada de igual forma por toda e qualquer sociedade que almeje uma vida sem violação de direitos para todas as mulheres.

3.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

No decorrer desse estudo sobre a violência doméstica nos relacionamentos homoafetivos por ser uma temática pouco pesquisada, observou-se várias possibilidades de questões que ficaram em aberto e que podem ser levadas a campo para novas descobertas e trabalhos interessantes. Na certeza de que esta pesquisa representa um entre vários e diferentes aspectos da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo, em Belém-PA, segue sugestões para trabalhos futuros:

- 1) Pesquisar sobre a percepção dos servidores (escrivão, investigador(a), delegado (a), assistente social, psicólogo (a) da DEAM em relação a violência doméstica entre casais homoafetivos.
- 2) Realizar um levantamento dos encaminhamentos realizados pela DEAM, após o registro do boletim de ocorrência pelas mulheres lésbicas, se foi aberto o inquérito policial, encaminhado para o ministério público, a centros de atendimento psicossocial a mulher vítima de violência.
- 3) Fazer uma entrevista com as mulheres que realizaram boletim de ocorrência para saber a percepção das mesmas, quanto ao atendimento dispensado na DEAM.

- 4) Identificar casos de violência doméstica na relação amorosa de mulheres transexuais.
- 5) Pesquisar junto ao movimento de lésbicas e de mulheres, as ações realizadas para o enfrentamento da violência doméstica a qualquer mulher, independente de orientação sexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CAPÍTULO 1

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei N. 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõem sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. 4.ed., Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas. (2002b). **Violência intrafamiliar: orientações para práticas em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível: : http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf . Acesso em 15/06/2015.

CANTERA, Leonor M. **Casais e violência: um enfoque além do gênero**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2007.

COSTA, Laura Gil; MACHADO, Carla; ANTUNES, Rute. **Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade**, Psychologica, 1, 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha, 2.ed., Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAUDOUN, Roger. **A violência: ensaio acerca do homo “violens”**. Tradução Pílos Ferreira de Carvalho e Carmem de Carvalho Ferreira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

FILHO, Alípio de Sousa. **Teorias sobre gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude**. In: Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. (Org) JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Ministério da Educação e UNESCO, Brasília, p. 95-123, 2009.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Organização e tradução Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, 2009.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios - Resultados do Universo**. IBGE, 2012. Disponível em : http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf. Acesso em : 20/04/2016.

IBGE. **Estatísticas do Registro Civil 2013**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2013/>. Acesso em 20/04/2016.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; CHACON, Suelly Salgueiro. **O segundo armário. Análise da violência doméstica entre casais homossexuais.** XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

NUNAN, Adriana. **Violência Doméstica entre casais homossexuais: o segundo armário?** Psico, v. 35, n. 1, p. 69-78, 2004.

PITILLI, Arianna. Violência na intimidade em relações entre pessoas do mesmo sexo. In: VIGGIANI, Giacomo. **Violência doméstica e em contexto de trabalho sexual contra mulheres LBT na União Europeia.** Portugal. p. 10-23, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** Cadernos Pagu, p.115-136, 2001.

TOPA, Helena. **No arco-íris também há roxo: violência conjugal nas relações lésbicas.** LES Online, V. 2, N. 1, 2010. Disponível em: <http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01843_index.pdf> Acesso em: 13/10/2015.

TORO- ALFONSO, José; RODRIGUEZ- MADERA, Sheilla. **Domestic Violence in Puerto Rican Gay Male Couples: Perceived prevalence, intergenerational violence, addictive behaviors, and conflict resolution skills.** Journal Of Interpersonal Violence, v. 19, n. 6, p. 639-654, 2004.

VICKERS, L. **The second closet: domestic violence in lesbian and gay relationships: A Western Australian perspective.** 1996. Consultado em: 14/11/2016. Disponível em: <http://www.austlii.edu.au/au/journals/MurUEJL/1996/37.htm>

APÊNDICES

APÊNDICE A – Processo de codificação do Artigo Científico 02.

Quadro 1- Delimitação das unidades de contexto e registro, e a análise exploratório das unidades de registro para a construção do levantamento inicial, a partir dos relatos das mulheres em situação de violência doméstica na relação homoafetiva.

Id	Unidade de Contexto	Unidade de registro	Levantamento Inicial	Código de Frequência
P1	O relacionamento não deu certo devido a comunicada ter temperamento autoritário e controlador, e desde que a relatora disse a sua ex-companheira não querer mais tal relacionamento, esta passou a perturba-la em todos os lugares, principalmente em seu local de trabalho; Que a relatora diz não ter mais paz e pede as providência,	O relacionamento não deu certo devido a comunicada ter temperamento autoritário e controlador	Ação autoritária	1
		disse a sua ex-companheira não querer mais tal relacionamento,	Desejo de terminar o relacionamento	2
		passou a perturba-la em todos os lugares, principalmente em seu local de trabalho	Atitude controladora	3
P2	“esta sendo AMEAÇADA... não aceita o termino do relacionamento e por ciúme, persegue a relatora que ressalta que Elizabeth, apos tê-la ameaçado, textuais " SE EU TE PEGAR COM QUALQUER PESSOA EU TE MATO". Recusa o abrigo do Estado. As medidas protetivas e representação será no termo de declaração com testemunha perante Autoridade Policial.”	esta sendo AMEAÇADA	Sentimento de medo	4
		por ciúme, persegue a relatora	Atitude controladora	3
		apos tê-la ameaçado, textuais " SE EU TE PEGAR COM QUALQUER PESSOA EU TE MATO".	Ameaça para coagir a vítima	5
		Recusa o abrigo do Estado	Medida protetiva recusada	6
P3	“ha aproximadamente 3 meses estão separadas, porem a citada chamou a relatora para uma conversa, ocasião em que a relatora não se dispôs a reatar a relação, motivando a relatada a proferir ameaças, sob os textuais " que vai denegrir sua imagem, que vai tirar tudo que a relatora tem, acabar coma sua carreira profissional e depois que ia acabar com a vida da relatora". QUE, a comunicante ressalta ainda que a sra. , que trabalha no Ofir Loyola com a relatora recebeu uma ligação de ... que a ameaçava caso a relatora não reatasse com ela. Recusa o abrigo do Estado.”	ha aproximadamente 3 meses estão separadas, porem a citada chamou a relatora para uma conversa, ocasião em que a relatora não se dispôs a reatar a relação	Desejo de terminar o relacionamento	2
		proferir ameaças, sob os textuais " que vai denegrir sua imagem, que vai tirar tudo que a relatora tem, acabar coma sua carreira profissional e depois que ia acabar com a vida da relatora".	Ameaça de denegrir a imagem da vítima	7
		Recusa o abrigo do Estado.”	Medida protetiva	6

			recusada	
P4	“A relatora compareceu até esta especializada para registrar que foi ameaçada por sua ex-companheiraQue na data e hora acima citadas a relatada ficou injuriando a relatora chamando-a "MACACA, PUTA" (textuais) e a ameaçou dizendo: "O QUE EU TEU TÁ GUARDADO" (textuais). Que a relatora informa que a relatada diz que a mesma faz "programa", fato que a relatora nega e que a relatada sempre lhe perturba pois a mesma não aceita o fim do relacionamento. A relatora será encaminhada para defensoria pública para representar com a queixa crime. A relatora se compromete a trazer testemunhas no dia da audiência. Foi oferecido a proteção do estado sendo que o mesmo foi negado pela vítima.	foi ameaçada por sua ex-companheira	Sentimento de medo	4
		a relatada ficou injuriando a relatora chamando-a "MACACA, PUTA" (textuais) e a ameaçou dizendo: "O QUE EU TEU TÁ GUARDADO" (textuais)	Ameaça para coagir a vítima	5
		que a relatada sempre lhe perturba pois a mesma não aceita o fim do relacionamento	Atitude controladora	3
		Foi oferecida a proteção do estado sendo que o mesmo foi negado pela vítima	Medida protetiva recusada	6
P5	“tem sua tranquilidade perturbada por sua companheira a qual por motivo de não aceitar a separação entre as partes, por diversos motivos, passa a alegar que irá no trabalho da comunicante para fazer a mesma perder o seu emprego, originando diversos problemas para a mesma, tirando o sossego da comunicante...	tem sua tranquilidade perturbada por sua companheira a qual por motivo de não aceitar a separação	Atitude controladora	3
		passa a alegar que irá no trabalho da comunicante para fazer a mesma perder o seu emprego, originando diversos problemas para a mesma	Ameaça para coagir a vítima	5
P6	“namorou com a Sra...., mas não deu certo devido o temperamento possessivo da comunicada, que na data de hoje a relatora recebeu, através de mensagens, no celular ameaças de morte feitas por ... , que segundo a relatora não se conforma com a separação, que a declarante teme por sua vida, que foi oferecido a proteção do Estado, mas esta recusou alegando problemas particulares, quanto a representação e as medidas protetivas a vítima se pronunciará posteriormente.”	namorou com a Sra...., mas não deu certo devido o temperamento possessivo da comunicada	Atitude controladora	3
		a relatora recebeu, através de mensagens, no celular ameaças de morte	Ameaça para coagir a vítima	5
		não se conforma com a separação	Ação autoritária	1
		foi oferecido a proteção do Estado, mas esta recusou alegando problemas	Medida protetiva recusada	6

		particulares		
P7	Ocorre que a convivência entre as duas sempre foi conflituosa tendo em vista as constantes agressões contra ... por parte de ... , fato ignorado pela relatora tendo em vista a menor não participar a violência para a sua genitora. Que na data e hora registrados do fato encontrava-se em sua residência nos afazeres domésticos quando ... passou a acusa-la de traição em seguida segurou o pescoço de ... apertando com violência. que impediu que ... saísse da residência porém em seguida voltou a entrar em conflitos motivados por ciúme da menor....	convivência entre as duas sempre foi conflituosa tendo em vista as constantes agressões	Abordagem agressiva	8
		a menor não participa a violência para a sua genitora.	Receio de falar da violência vivida	9
		passou a acusa-la de traição em seguida segurou o pescoço de ... apertando com violência	Abordagem agressiva	8
		conflitos motivados por ciúme da menor	Atitude controladora	3
P8	“...Que romperam a relação há dois meses e após a separação são constantes as perseguições por parte de ... que na data de hoje ao encontrar a declarante em via pública desferiu socos em várias partes do corpo da declarante rasgando a roupa da declarante em via pública que ficou com o seio à mostra. Que registra para as providências cabíveis ...”	após a separação são constantes as perseguições por parte de...	Atitude controladora	3
		a declarante em via pública desferiu socos em várias partes do corpo da declarante rasgando a roupa da declarante em via pública que ficou com o seio à mostra	Abordagem agressiva	8
P9	Que, ha 3 semanas terminaram o relacionamento, fato que vera não aceita e desde então, perturba a tranquilidade da relatora e lhe faz diversas ameaças, ... proferiu os seguintes textuais " vagabunda, tu não vai ficar com ninguém, eu vou te dar porrada, tu não presta, tu sai fudendo com todo mundo, etc". Ressalta que ja foi agredida pela ex-companheira outras vezes, mas esta é a primeira vez que registra o fato. RECUSA O ABRIGO PÚBLICO...”	terminaram o relacionamento, fato que vera não aceita e desde então, perturba a tranquilidade da relatora e lhe faz diversas ameaças	Atitude controladora	3
		... proferiu os seguintes textuais " vagabunda, tu não vai ficar com ninguém, eu vou te dar porrada, tu não presta, tu sai fudendo com todo mundo, etc"	Ameaça para coagir a vítima	5
		Ressalta que ja foi agredida pela ex-companheira outras vezes, mas esta é a primeira vez que registra	Abordagem agressiva	8
		Recusa o abrigo	Medida	6

		público	protetiva recusada	
P10	“...aproximadamente (08) anos estão separadas de corpos, embora residindo na mesma casa. Que; o relacionamento sempre foi conflituoso marcado por agressões físicas, psicológicas e morais praticadas por ... que apresenta um comportamento extremamente agressivo e violento. Que; no mês de junho de (2012) a relatora chegou a denunciá-la na Seccional Cidade Nova, mas não procedeu evitando que a prejudicasse Que; ultimamente a situação tornou-se insustentável já que teve conhecimento que a relatora está se envolvendo com outra pessoa. Que na data e hora mencionadas, após uma discussão entre ambas lhe agrediu fisicamente, injuriou: "PUTA, VAGABUNDA, COMPLEXO DE EDIPO INVERTIDO" (TEXTUAIS) e ainda ameaçou de morte: " vou acabar com a tua vida, tú és um ser que não merece está nesse mundo" (TEXTUAIS). Que; a relatora está fora de casa e teme por sua integridade física. Que; não deseja o abrigo do Estado....”	o relacionamento sempre foi conflituoso marcado por agressões físicas, psicológicas e morais praticadas por	Atitude controladora	3
		apresenta um comportamento extremamente agressivo e violento	Abordagem agressiva	8
		a relatora chegou a denunciá-la na Seccional Cidade Nova, mas não procedeu evitando que a prejudicasse	Sentimento de culpa	10
		ultimamente a situação tornou-se insustentável já que teve conhecimento que a relatora está se envolvendo com outra pessoa	Atitude controladora	3
		após uma discussão entre ambas ... lhe agrediu fisicamente,	Abordagem agressiva	8
		"PUTA, VAGABUNDA, COMPLEXO DE EDIPO INVERTIDO" (TEXTUAIS) e ainda ameaçou de morte: " vou acabar com a tua vida, tú és um ser que não merece está nesse mundo"	Ameaça para coagir a vítima	5
		a relatora está fora de casa e teme por sua integridade física	Sentimento de medo	4
P11	“... receber constantes mensagens via celular em que profere injúrias contra a declarante como filha da puta e assim como mensagens ameaçadoras ... é uma pessoa agressiva e faz tratamento psiquiátrico....Que não foi aceito acolhimento.”	receber constantes mensagens via celular em que profere injúrias contra a declarante como filha da puta e assim como mensagens ameaçadoras	Ameaça para coagir a vítima	5
		é uma pessoa agressiva e faz tratamento	Abordagem agressiva	8

		psiquiátrico		
		...Que não foi aceito acolhimento.	Medida protetiva recusada	6
P12	“... estão separadas há 04 meses porém a declarada não aceita a separação e na data de hoje quando a declarante caminhava em via pública foi abordada pela Sra. pela costa que passou a agredir a declarante com mordidas em ato contínuo agrediu a Sra. ... a qual teve a blusa rasgada pela Sra. que ainda agrediu o funcionário da declarante”	estão separadas há 04 meses porém a declarante não aceita a separação	Desejo de terminar o relacionamento	2
		quando a declarante caminhava em via pública foi abordada pela Sra.... pela costa que passou a agredir a declarada com mordidas	Abordagem agressiva	8
P13	partiu para cima da declarante assim como o filho dela ..., que ambos agrediram a declarante e declarante passou a gritar e saiu correndo do interior do apartamento dirigindo-se até o porteiro”	partiu para cima da declarante assim como o filho dela ..., que ambos agrediram a declarante e	Abordagem agressiva	8
		declarante passou a gritar e saiu correndo do interior do apartamento dirigindo-se até o porteiro”	Sentimento de medo	4
P14	“... convivência com sua companheira é difícil, devido a mesma ser de personalidade extremamente violenta e que no dia 09.02.12, por volta das 11:45 horas da manhã, a relatora foi agredida a socos, tapas e pontapés pela companheira, e ameaças (textuais) " SE EU VOLTAR AQUI NA XEROX E TE ENCONTRAR AQUI EU VOU TE MATAR". ... Recusa o abrigo do Estado. Procedimentos”	convivência com sua companheira é difícil, devido a mesma ser de personalidade extremamente violenta	Ação autoritária	1
		a relatora foi agredida a socos, tapas e pontapés pela companheira	Abordagem agressiva	8
		e ameaças (textuais) " SE EU VOLTAR AQUI NA XEROX E TE ENCONTRAR AQUI EU VOU TE MATAR".	Ameaça para coagir a vítima	5
		Recusa o abrigo do Estado	Medida protetiva recusada	6
P15	“..., a relatora foi AMEAÇADA DE MORTE , a qual usou as textuais "SE EU ENCONTRAR ESSA TUA AMIGA NA XEROX , VOU ACABAR COM A TUA VIDA E DA DELA " , fato que vem	a relatora foi AMEAÇADA DE MORTE	Ameaça para coagir a vítima	5
		"SE EU ENCONTRAR ESSA TUA AMIGA NA XEROX , VOU	Atitude controladora	3

	ocorrendo devido a relatada está com raiva da relatora está frequentando um centro espírito e foi levada através de uma amiga que a declarada acha que a relatora está se envolvendo ; Ocorre que , a relatora acredita que está usando como desculpa para ficar com as máquinas que as duas compraram durante a relação e que está registrado no nome de ... , a qual diz que vai embora e levar todas as Máquinas ; QUE , foi oferecido albergue , mas não foi aceito pela relatora ,”	ACABAR COM A TUA VIDA E DA DELA		
		a relatora acredita que está usando como desculpa para ficar com as máquinas que as duas compraram durante a relação e que está registrado no nome de ... , a qual diz que vai embora e levar todas as Máquinas	Receio e/ou perdas materiais	11
		foi oferecido albergue , mas não foi aceito pela relatora ,	Medida protetiva recusada	6
P16	“...Desde a separação ocorreram varias desentendimentos, os quais já foram registrados em boletins de ocorrencia anteriores. ... PERTURBA A TRANQUILIDADE da relatora, ... ao chegar em seu predio, deixou um buque de flores, um perfume e uma carta digitada no computador. ... comunicante sente-se PERTURBADA , fazendo tratamento psiquiatrico e tomando remédio controlado e ultimamente tem sentindo problemas psicológicos e fisicos. <u>relatora NAO aceita protecao do Estado (Albergue Publico) ...</u>	Desde a separação ocorreram varias desentendimentos, os quais já foram registrados em boletins de ocorrência anteriores	Efetivação de registro da violência em BO	12
		... PERTURBA A TRANQUILIDADE da relatora, ... ao chegar em seu predio, deixou um buque de flores, um perfume e uma carta digitada no computador.	Atitude controladora	3
		<u>relatora NAO aceita protecao do Estado (Albergue Publico) ...</u>	Medida protetiva recusada	6
P17	“..... a relatora teve uma discussão com a nacional, pois a declarante queria que a nacional lhe devolvesse o seu cartão de conta salário e começou uma conversa sobre a separação de ambas; Que, a nacional ficou agressiva e passou a gritar com a declarante e a ameaçou dizendo: "EU TE MATO, EU MATO TEUS CACHORROS E DEPOIS ME MATO " (textuais); Que, a declarante ressalta que vem sofrendo pressões psicológicas e teme por sua integridade fisica, pois a nacional é bastante agressiva e faz ameaças a declarante;; Que, foi oferecido albergue do estado	“..... a relatora teve uma discussão com a nacional, pois a declarante queria que a nacional lhe devolvesse o seu cartão de conta salário e começou uma conversa sobre a separação de ambas	Desejo de terminar o relacionamento	2
		a nacional ficou agressiva e passou a gritar com a declarante e a ameaçou dizendo: "EU TE MATO, EU MATO TEUS CACHORROS E DEPOIS ME MATO	Abordagem agressiva	8

	sendo que o mesmo foi recusado	" (textuais); a declarante ressalta que vem sofrendo pressões psicológicas e teme por sua integridade física, pois a nacional é bastante agressiva e faz ameaças	Abordagem agressiva	8
		foi oferecido albergue do estado sendo que o mesmo foi recusado	Medida protetiva recusada	6
P18	“... AMEAÇADA por sua ex-companheira, ... não aceita a separação. ... a vítima se encontrava em uma festa com a sua namorada.... Que em dado momento da festa a nacional foi até a vítima e ofendeu a namorada da mesma, ..., e pegou uma faca e ameaçou furar a relatora, e ainda a ameaçou com os seguintes textuais " TU VAI MORRER SUA FUDIDA ". ... A vítima recusa a proteção do Estado (albergue público) ”	“... AMEAÇADA por sua ex-companheira, ... não aceita a separação	Sentimento de medo	4
		namorada.... Que em dado momento da festa a nacional foi até a vítima e ofendeu a namorada da mesma, ..., e pegou uma faca e ameaçou furar a relatora, e ainda a ameaçou com os seguintes textuais " TU VAI MORRER SUA FUDIDA ".	Abordagem agressiva	8
		A vítima recusa a proteção do Estado (albergue público	Medida protetiva recusada	6
P19	“... agrediu fisicamente em via pública ... a nacional desferiu socos no rosto da relatora lesionando-a; ...: a nacional não aceita a separação do casal; ...: não aceita a proteção estatal em forma de abrigo.”	agrediu fisicamente em via pública ... a nacional desferiu socos no rosto da relatora lesionando-	Abordagem agressiva	8
		...: a nacional não aceita a separação do casal;	Desejo de terminar o relacionamento	2
		...: não aceita a proteção estatal em forma de abrigo.”	Medida protetiva recusada	6
P20	“... foi AGREDIDA FISICAMENTE por seu ex-companheira ..., entretanto, continuaram com a sociedade devido as dívidas contraidas durante o relacionamento. Ocorre, que a relatora passou se relacionar com outra pessoa, fato que deixou ... irada passando a humilhá-la e a ofender moralmente na presença de	foi AGREDIDA FISICAMENTE por seu ex-companheira ...;	Abordagem agressiva	8
		que a relatora passou se relacionar com outra pessoa, fato que deixou ... irada passando a humilhá-la e a ofender moralmente na	Ameaça para coagir a vítima	5

	funcionários e clientes. Na data acima, a relatora chegou para trabalhar e encontrou a loja fechada e perguntou para uma funcionária o que estava acontecendo e foi informada que teria dado folga a seus funcionários. Uma hora depois chegou e não deu nenhuma oportunidade da relatora se defender e a pelo peito e arrastou para fora da loja a deixando lesionada. Não satisfeita, pegou sua bolsa e jogou em via pública e a ofendeu moralmente dizendo "vagabunda, eu te sustento, tú és minha sombra, eu sustento as tuas vagabundas, tú és muito cara de pau de aparecer aqui, filha da puta, caralho"-... <u>A relatora não aceita proteção do Estado (albergue público)</u> ...	presença de funcionários e clientes		
	 chegou e não deu nenhuma oportunidade da relatora se defender e a pelo peito e arrastou para fora da loja a deixando lesionada	Abordagem agressiva	8
	 pegou sua bolsa e jogou em via pública e a ofendeu moralmente dizendo "vagabunda, eu te sustento, tú és minha sombra, eu sustento as tuas vagabundas, tú és muito cara de pau de aparecer aqui, filha da puta, caralho"-...	Ameaça para coagir a vítima	5
		<u>A relatora não aceita proteção do Estado (albergue público)</u> ..	Medida protetiva recusada	6
P21	"... AGREDIDA FISICAMENTE, AMEAÇADA, INJURIADA e sofreu DANOS de sua companheira, a nacional ... Que a vítima e a sua companheira viviam conjugalmente há 10 meses e a nacional sempre teve um temperamento bastante agressivo. Que na data e hora supracitadas, a nacional que estava alcoolizada iniciou uma discussão com a vítima chamando-a de "VAGABUNDA" "PEDÓFILA" "TU NÃO VALE NADA" "SAPATÃO ESCROTA" (TEXTUAIS) e começou a agredi-la fisicamente com socos no rosto, tapas, puxões de cabelo, chutes, deixando a vítima lesionada. ... Que a vítima ainda foi ameaçada por sua companheira, que disse os seguintes textuais "NÃO ME PROCURA MAIS, SENÃO TU JÁ SABE O QUE VAI ACONTECER CONTIGO".	AGREDIDA FISICAMENTE, AMEAÇADA, INJURIADA e sofreu DANOS de sua companheira, a nacional ... a nacional sempre teve um temperamento bastante agressivo	Abordagem agressiva	8
		começou a agredi-la fisicamente com socos no rosto, tapas, puxões de cabelo, chutes, deixando a vítima lesionada	Abordagem agressiva	8
		a vítima ainda foi ameaçada por sua companheira, que disse os seguintes textuais "NÃO ME PROCURA MAIS, SENÃO TU JÁ SABE O QUE VAI ACONTECER CONTIGO".	Ameaça para coagir a vítima	5
	 A vítima recusa a proteção do	Medida protetiva	6

 A vítima recusa a proteção do Estado (albergue público) ...	Estado (albergue público)	recusada	
P22	“... durante uma discussão a nacional aplicou tapas e socos na adolescente, sendo que esta apresenta hematomas na boca,”	“... durante uma discussão a nacional aplicou tapas e socos na adolescente, sendo que esta apresenta hematomas na boca	Abordagem agressiva	8
P23	“.... que está sendo ameaçada por sua ex-companheira a ... estão separadas fato que não aceita e persegue a relatora constantemente através de mensagens em seu celular. QUE, na data e hora acima mencionados a relatora estava em sua casa quando novamente recebeu uma mensagem ... na qual a ameaça de morte. Foi oferecida a proteção do Estado (albergue), mas não foi aceito pela vítima”	que está sendo ameaçada por sua ex-companheira	Sentimento de medo	4
		estão separadas fato que não aceita e persegue a relatora constantemente através de mensagens em seu celular	Atitude controladora	3
		a relatora estava em sua casa quando novamente recebeu uma mensagem ... na qual a ameaça de morte.	Ameaça para coagir a vítima	5
		. Foi oferecida a proteção do Estado (albergue), mas não foi aceito pela vítima	Medida protetiva recusada	6
P24	“... que resolveu terminar por vários motivos, de bebida, traição, agressões, ofensas e várias ameaças.... ameaça; EU VIM AQUI PRA ACABAR COM A TUA VIDA EU VOU FAZER ESCANDALO, VOU TE MATAR, ESTA SERA A PRIMEIRA DE MUITAS SITUAÇÕES QUE EU VOU FAZER' EU VOU TE MATAR', teme por sua integridade física, que irá trocar por alguns dias com uma colega o horário do trabalho, A Vítima não aceita proteção do Estado (albergue público),”	que resolveu terminar por vários motivos de bebida, traição, agressões, ofensas e várias ameaças...	Abordagem agressiva	8
		EU VIM AQUI PRA ACABAR COM A TUA VIDA EU VOU FAZER ESCANDALO, VOU TE MATAR, ESTA SERA A PRIMEIRA DE MUITAS SITUAÇÕES QUE EU VOU FAZER' EU VOU TE MATAR'	Ameaça para coagir a vítima	5
		teme por sua integridade física, que irá trocar por alguns dias com uma colega o horário do trabalho	Sentimento de medo	4
		A Vítima não aceita proteção do Estado (albergue público)	Medida protetiva recusada	6
P25	“....tornou-se contumaz em	“....tornou-se	Atitude	3

	realizar ligações para a declarante tentando reatar o relacionamento. ... acordou com raiva entraram em discussão amarrou a declarante com uma corrente passando a agredi-la com um cabo de vassoura em várias partes do corpo”	contumaz em realizar ligações para a declarante tentando reatar o relacionamento.	controladora	
		acordou com raiva entraram em discussão ... amarrou a declarante com uma corrente passando a agredi-la com um cabo de vassoura em várias partes do corpo	Abordagem agressiva	8
P26	“... foi vítima de lesão corporal ... foram embora para casa da relatora onde a mesma disse para ... que ela não poderia ir para lá, pois não quer mais ter relação, momento em que ficou raiva, entrando em sua casa da relatora sem permissão, lhe aplicando um soco no rosto lhe deixando lesionada na boca, ... a relatora procurou o Hospital Abelardo Santos, sendo encaminhada para essa especializada. Que afirma que ... não aceita o fim do relacionamento e sempre agredide a relatora por isso .Que foi encaminhada para exame de corpo delito. Que foi oferecido abrigo do Estado, mas não foi aceito. “	não quer mais ter relação	Desejo de terminar o relacionamento	2
		ficou raiva, entrando em sua casa da relatora sem permissão, lhe aplicando um soco no rosto lhe deixando lesionada na boca,	Abordagem agressiva	8
		Que foi oferecido abrigo do Estado, mas não foi aceito.	Medida protetiva recusada	6
P27	“... lhe agrediu física e verbalmente com palavras de baixo calão. Relata que após uma discussão entre o casal passou a agredi-la e ameaçá-la dizendo "TU VAI VER O QUE EU VOU FAZER CONTIGO E COM ESSE APARTAMENTO, QUANDO TU VOLTAR TU NAO VAI ENCONTRAR NADA AQUI DENTRO", Relata ainda que já procurou o serviço social desta especializada, que inicialmente amenizou por tres meses, mas que o problema continua. Que foi oferecido albergue do estado, mas recusado pela Vítima,”	“... lhe agrediu física e verbalmente com palavras de baixo calão	Abordagem agressiva	8
		passou a agredi-la e ameaçá-la dizendo "TU VAI VER O QUE EU VOU FAZER CONTIGO E COM ESSE APARTAMENTO, QUANDO TU VOLTAR TU NAO VAI ENCONTRAR NADA AQUI DENTRO",	Receio e/ou perdas materiais	11
		Relata ainda que já procurou o serviço social desta especializada, que inicialmente	Procurou ajuda especializada para enfrentar a violência	13

		amenizou por tres meses, mas que o problema continua		
		. Que foi oferecido albergue do estado, mas recusado pela Vítima,”	Medida protetiva recusada	6
P28	“... que sofreu Lesões ,por parte de sua Ex Companheira ,..... recebeu um telefonema da acusada informando que iria a´casa da relatora dar-lhe um abraço , que foi recusado pela Vítima minutos apos , a acusada chegou na casa da Vítima invadindo o local, quebrando utensilios da residencia ambas travaram uma luta corporal , em seguida munindo-se de um pedaço de copo quebrado a acusada passou a ferir a Vítima , e a sua nova namorada. Foi oferecido Abrigo do estado ALBERGUE que foi recusado”	„..... recebeu um telefonema da acusada informando que iria a´casa da relatora dar-lhe um abraço , que foi recusado pela Vítima	Atitude controladora	3
		acusada chegou na casa da Vítima invadindo o local, quebrando utensilios da residencia ambas travaram uma luta corporal , em seguida munindo-se de um pedaço de copo quebrado a acusada passou a ferir a Vítima , e a sua nova namorada	Abordagem agressiva	8
		Foi oferecido Abrigo do estado ALBERGUE que foi recusado	Medida protetiva recusada	6
P29	“..., desde a separação fica lhe ameaçando dizendo que onde encontra-la irá fazer escândalos, bem como vai ate a porta de seu trabalho fazer escândalos afim de lhe prejudicar. Que quando foi na noite de hoje, a relatora recebeu mensagens ameaçadoras de ..., a qual lhe disse que se vê-la conversando com alguém, irá mata-la. Oferecido Albergue de Proteção do Estado, a mesma não aceita”	“..., desde a separação fica lhe ameaçando dizendo que onde encontra-la irá fazer escândalos, bem como vai ate a porta de seu trabalho fazer escândalos afim de lhe prejudicar	Ameaça de denegrir a imagem da vítima	7
		Que quando foi na noite de hoje, a relatora recebeu mensagens ameaçadoras de, a qual lhe disse que se vê-la conversando com alguém, irá mata-la.	Ameaça para coagir a vítima	5
		Oferecido Albergue de Proteção do Estado, a mesma não aceita	Medida protetiva recusada	6
P30	“A relatora acima compareceu	Ocorre, que o	Ameaça de	14

	nesta Especializada para registrar que foi ameaçada por sua companheira Ocorre, que o relacionamneto está conflituoso, devido a relatada achar que a relatora falou para família dela sua opção sexual, fato que ela nega. QUE , na data e hora acima mencionados elas estavam na casa de e começaram a discutir , devido a relatora dizer que iria embora , e em determinado momento a ameaçou com as textuais: "SE TU SAIR DE CASA EU VOU MANDAR TE MATAR". Foi oferecida a proteção do Estado (albergue). ,mas não foi aceito pela vítima”	relacionamneto está conflituoso, devido a relatada achar que a relatora falou para família dela sua opção sexual, fato que ela nega	revelação da orientação sexual	
		começaram a discutir , devido a relatora dizer que iria embora , e em determinado momento a ameaçou com as textuais: "SE TU SAIR DE CASA EU VOU MANDAR TE MATAR	Ameaça para coagir a vítima	5
		Foi oferecida a proteção do Estado (albergue). ,mas não foi aceito pela vítima”	Medida protetiva recusada	6
P31	“..., que no dia e hora citada ao retornar do interior, onde foi votar, percebeu que suas roupas, sapatos, bolça, colchão, livros academicos, cabos de tv e ventilador, estavam todos cortados, fato este praticado por motivado por ciumes, que o casal ainda discutiu.... Relata ainda que ligou para sua família e revelou a opção sexual da relatora ameaçando ainda contar para sua mãe. ... que recusa albergue do estado.”	“..., que no dia e hora citada ao retornar do interior, onde foi votar, percebeu que suas roupas, sapatos, bolça, colchão, livros academicos, cabos de tv e ventilador, estavam todos cortados, fato este praticado por motivado por ciumes	Atitude controladora	3
		Relata ainda que ligou para sua família e revelou a opção sexual da relatora ameaçando ainda contar para sua mãe	Ameaça de revelação da orientação sexual	14
		que recusa albergue do estado.”	Medida protetiva recusada	6
P32	“... comunicar que vem sofrendo Perturbação do seu sossego por parte de sua namorada , porem a acusada não se conforma com o fim do relacionamento e fica perturbando arelatora , passando mensagem , indo a o seu local de trabalho , e em todos os locais que a mesma saiba que a relatora estaja , QUE a acusada ameaça a relatora de morte dizendo os seguintes 'O TREM VAI PASSAR que segundo a relatora representa VOU TE MATAR .”	comunicar que vem sofrendo Perturbação do seu sossego por parte de sua namorada	Atitude controladora	3
		QUE a acusada ameaça a relatora de morte dizendo os seguintes 'O TREM VAI PASSAR que segundo a relatora representa VOU TE MATAR .”	Ameaça para coagir a vítima	5

	seguintes 'O TREM VAI PASSAR que segundo a relatora representa 'VOU TE MATAR .''			
P33	“... estava em seu trabalho quando a nacional entrou no local aparentemente embriagada ameaçando com textuais do tipo " TU NÃO QUERER CONVERSAR E NEM FICAR COMIGO VOU QUEBRAR ESSE CAPACETE(de motocicleta) NA SUA CABEÇA"; Que: a nacional telefona com frequência para a relatora dizendo que "irá contratar detetives para vigia-la"(textuais); ... recusa a proteção estatal em forma de abrigoamento.”	em seu trabalho quando a nacional entrou no local aparentemente embriagada ameaçando com textuais do tipo " TU NÃO QUERER CONVERSAR E NEM FICAR COMIGO VOU QUEBRAR ESSE CAPACETE(de motocicleta) NA SUA CABEÇA	Abordagem agressiva	8
		a nacional telefona com frequência para a relatora dizendo que "irá contratar detetives para vigia-la"(textuais);	Atitude controladora	3
		recusa a proteção estatal em forma de abrigoamento.”	Medida protetiva recusada	6
P34	“... TRANQUILIDADE PERTURBADA pela sua ex-companheira ... A relatora informa que a relatada vem perturbando sua tranquilidade frequentemente, pois não aceita a separação, a relatada quebra objetos do qual pertenciam a ambas, No dia e hora acima mencionados, a relatada a ameaçou dizendo que faria escândalo na porta de seu trabalho. A vítima recusa proteção do Estado (Albergue Público... ”	“...A relatora informa que a relatada vem perturbando sua tranquilidade frequentemente, pois não aceita a separação, a relatada quebra objetos do qual pertenciam a ambas	Atitude controladora	3
		a relatada a ameaçou dizendo que faria escândalo na porta de seu trabalho.	Ameaça para coagir a vítima	5
		A vítima recusa proteção do Estado (Albergue Público... ”	Medida protetiva recusada	6
P35	“... <u>AGREDIDA FISICAMENTE</u> e <u>AMEAÇADA</u> por sua namorada ... foi agredida fisicamente com um tapa no peito, sem apresentar lesões. ... a ameaçou dizendo "eu vou te fazer passar vergonha na rua eu vou te bater, se tú tiver em casa eu vou entrar e vou te puxar	... foi agredida fisicamente com um tapa no peito, sem apresentar lesões	Abordagem agressiva	8
		... a ameaçou dizendo "eu vou te fazer passar vergonha na rua eu vou te bater, se tú tiver em casa eu	Ameaça para coagir a vítima	5

	pelo cabelo"-Textuais. <u>A relatora não aceita proteção do Estado (albergue público)</u> "	vou entrar e vou te puxar pelo cabelo		
		<u>A relatora não aceita proteção do Estado (albergue público)</u>	Medida protetiva recusada	6
P36	"Compareceu nesta especializada para comunicar que foi AGREDIDA FISICAMENTE e AMEAÇADA por ciumes de uma outra pessoa que estava na mesma mesa, passou a discutir e ter atitudes agressivas com a comunicante, enciumada, ..., saiu do bar e foi em direção o carro, foi quando dentro do carro, foi esganada por , e colocada com a cabeça entre os bancos, e agredida com socos na nuca e pelo resto de seu corpo, então conseguiu sair daquela posição, e tentou pegar uma "arma de choque" que possui, e ... foi mais rápida que a comunicante, pegou a citada arma e disse: AGORA TU MORRE, tentando encostar a arma em seu corpo, mas a comunicante segurou o braço para que ela não tivesse êxito, e que em sua defesa, tentou abrir a porta onde estava, mas não deu por causa do canteiro, e tentou abrir de onde ... estava, para tirá-la do veículo, e como não conseguiu ... resolveu parar de agrêdi-la, e de forma ameaçadora, primeiramente, disse que ia para a Delegacia, e já as proximidades da delegacia, disse para a comunicante seguir para casa, e mesmo a comunicante dizendo que não queira sua companhia, ...fez questão de dormir na casa da comunicante, que a partir desse fato resolveu definitivamente se separar de..... , mas que ela passou a ameaçar de colocar videos e fotos intimas da comunicante na internet. Foi oferecido abrigo a Vítima, porém disse que não aceita a ajuda do Estado..."	por ciumes de uma outra pessoa que estava na mesma mesa, passou a discutir e ter atitudes agressivas com a comunicante, enciumada	Atitude controladora	3
		saiu do bar e foi em direção o carro, foi quando dentro do carro, foi esganada por, e colocada com a cabeça entre os bancos, e agredida com socos na nuca e pelo resto de seu corpo, então conseguiu sair daquela posição, e tentou pegar uma "arma de choque" que possui, e foi mais rápida que a comunicante, pegou a citada arma e disse: AGORA TU MORRE	Abordagem agressiva	8
	que a partir desse fato resolveu definitivamente se separar de	Desejo de terminar o relacionamento	2	
	mas que ela passou a ameaçar de colocar videos e fotos intimas da comunicante na internet.	Ameaça para coagir a vítima	5	
	Foi oferecido abrigo a Vítima, porém disse que não aceita a ajuda do Estado..."	Medida protetiva recusada	6	
P37	"A relatora acima qualificada	está sofrendo	Atitude	3

	comparece a esta DEAM para comunicar que está sofrendo AMEAÇAS por parte de sua ex-namorada, ... ocorre a declarante vem comunicar que estão separadas desde junho de 2013, porém ... continuou perturbando a tranquilidade da declarante, enviando-lhe mensagens para o aparelho celular, ressaltando que a relatora teve que excluir seus perfis em rede social, como facebook, etc . Que, dia e hora acima registrados, a declarante encontrava-se no bar "Veneza", localizado no endereço acima descrito, quando foi abordada por que, na presença das demais pessoas que frequentavam o local, proferiu ameaças à declarante (textuais) "EU TE DOU 5 MINUTOS PRA TI SAIR DAQUI, VC E ELA (ATUAL NAMORADA), SENÃO EU VOU QUEBRAR A CARA DE VOCÊS".	AMEAÇAS por parte de sua ex-namorada continuou perturbando a tranquilidade da declarante, enviando-lhe mensagens para o aparelho celular, ressaltando que a relatora teve que excluir seus perfis em rede social,	controladora	
		foi abordada por (...) proferiu ameaças à declarante (textuais) "EU TE DOU 5 MINUTOS PRA TI SAIR DAQUI, VC E ELA (ATUAL NAMORADA), SENÃO EU VOU QUEBRAR A CARA DE VOCÊS".	Abordagem agressiva	8
		<u>RECUSA A PROTEÇÃO DO ESTADO EM FORMA DE ALBERGUE PÚBLICO..”</u>	Medida protetiva recusada	6
P38	A pessoa acima qualificada compareceu a esta especializada para informar que foi Vítima do crime de AMEAÇA por sua ex-namorada Mas como ... permanecia com a uniao estavel que tinha, a declarante resolveu terminar o relacionamento. ... nao aceitou o termino do relacionamento e passou a ameaça-la constantemente. ... recebeu um recado de uma amiga a mando da declarada do qual dizia os seguintes textuais:"OU EU PEGAR ELAS VOU BATER, E MATA-LAS, PORQUE ISSO NAO VAI FICAR ASSIM. PRINCIPALEMNTA A NOITE PORQUE EU SOU DA NOITE, VOU MATAR A IRMA DA, E A IRMA DA ATUAL DELA". tem temperamento agressivo, esta descontrolada por nao	foi Vítima do crime de AMEAÇA por sua ex-namorada	Ameaça para coagir a vítima	5
		, a declarante resolveu terminar o relacionamento	Desejo de terminar o relacionamento	2
		nao aceitou o termino do relacionamento e passou a ameaça-la constantemente.	Abordagem agressiva	8
		A declarante recusa proteção do Estado Casa Abrigo..”	Medida protetiva recusada	6

	aceitar o fim do relacionamento. A declarante informou que a declarada a persegue, ... A declarante recusa proteção do Estado Casa Abrigo..”			
P39	“... a qual a agrediu fisicamente com socos, mordida no joelho e no dedo , enforcando- a e passando uma chave em seu pescoço ;.... "SE TU NÃO FICAR COMIGO , NÃO VAI FICAR COM NINGUÉM , EU VOU TE MATAR "(TEXTUAIS) ; QUE , ... se alterou e pegou uma faca querendo matar a relatora ,que teve que lutar com ela para se salvar ... , a relação é bastante conturbada , por conta de ciúmes ... , a qual quando se aborrece , fica extremamente agressiva ; QUE , foi oferecido casa abrigo , mas não foi aceito pela relatora,... .”	“... a qual a agrediu fisicamente com socos, mordida no joelho e no dedo , enforcando- a e passando uma chave em seu pescoço	Abordagem agressiva	8
		SE TU NÃO FICAR COMIGO , NÃO VAI FICAR COM NINGUÉM , EU VOU TE MATAR "(TEXTUAIS)	Atitude controladora	3
		relação é bastante conturbada , por conta de ciúmes ... , a qual quando se aborrece , fica extremamente agressivo	Abordagem agressiva	8
		, foi oferecido casa abrigo , mas não foi aceito pela relatora,...	Medida protetiva recusada	6
P40	“A declarante vem comunicar : Que está sendo impedida de acompanhar sua filha ... por sua ex-companheira ... está agindo de alienação parental com a criança deixando a declarante abalada psicologicamente. Registra para os devidos fins.”	está sendo impedida de acompanhar sua filha ... por sua ex-companheira ... está agindo de alienação parental com a criança deixando a declarante abalada psicologicamente.	Alienação parental	15
P41	“.... foi AMEAÇADA por sua ex-companheira ... no momento da separação teve que dar a sua ex-companheira a geladeira, máquina de lavar, guarda louças, panela, fogão, entre outros objetos, ficando apenas a cama, a mesa e botijão de gás. ... passou a importunar e a ameaçar a declarante tanto em casa quanto em seu local de trabalho, ou em via pública e a ameaça dizendo “ONDE EU TE PEGAR, VAI TER, NÓS VAMOS SE EMBOLOTAR, TÚ JÁ SABE EU VOU TE FURAR E SE TÚ FOR DAR PARTE DE MIM, AI MESMO E QUE EU VOU	foi AMEAÇADA por sua ex-companheira	Ameaça para coagir a vítima	5
		no momento da separação teve que dar a sua ex-companheira a geladeira, máquina de lavar, guarda louças, panela, fogão, entre outros objetos, ficando apenas a cama, a mesa e botijão de gás.	Receio e/ou perdas materiais	11
		passou a importunar e a ameaçar a declarante tanto em casa quanto em seu local de trabalho, ou	Abordagem agressiva	8

	FAZER ”-Textuais. A declarante afirma que não está indo trabalhar(feira livre) porque sua ex-companheira já a avisou se a encontrar em seu local de trabalho irá furá-la. ... recusa proteção do Estado (casa abrigo).... ”	em via pública e a ameaça dizendo “ONDE EU TE PEGAR, VAI TER, NÓS VAMOS SE EMBOLOTAR, TÚ JÁ SABE EU VOU TE FURAR E SE TÚ FOR DAR PARTE DE MIM, AI MESMO E QUE EU VOU FAZER”		
		A declarante afirma que não está indo trabalhar(feira livre) porque sua ex-companheira já a avisou se a encontrar em seu local de trabalho irá furá-la	Sentimento de medo	4
		recusa proteção do Estado (casa abrigo).... ”	Medida protetiva recusada	6
P42	“Comunica que foi vítima de LESÃO CORPORAL e AMEAÇA por parte de sua ex-namorada ...; ... a relação sempre foi conflituosa em virtude da relação conjugal que a declarante teve anteriormente e por outros motivos pessoais, desentenderam e foram as vias de fato, ocasião em que segurou a declarante pelos punhos e a empurrou contra a parede, tendo a declarante caído no chão, e sofrido alguns arranhões e hematomas pelo corpo... passou a ameaçar a declarante com as seguintes palavras "OLHA ... SOU EU A, A HORA QUE TU PASSAR NA MINHA FRENTE EU VOU TE PIPOCAR TODINHA, EU TO ARMADA" (textuais), ... é uma pessoa muito violenta, a qual realmente tem uma arma de fogo e com ela leva para onde vai; QUE,... não aceita a separação de e passa a se comportar de forma mais violenta ainda; ..., <u>não aceita ir para o ABRIGO PÚBLICO</u> ;”	a relação sempre foi conflituosa em virtude da relação conjugal que a declarante teve anteriormente e por outros motivos pessoais,	Relação conflituosa	16
		desentenderam e foram as vias de fato, ocasião em que segurou a declarante pelos punhos e a empurrou contra a parede, tendo a declarante caído no chão, e sofrido alguns arranhões e hematomas pelo corpo	Abordagem agressiva	8
		passou a ameaçar a declarante com as seguintes palavras "OLHA ... SOU EU A ... , ... A HORA QUE TU PASSAR NA MINHA FRENTE EU VOU TE PIPOCAR TODINHA, EU TO ARMADA" (textuais	Ameaça para coagir a vítima	5

		é uma pessoa muito violenta, a qual realmente tem uma arma de fogo e com ela leva para onde vai	Abordagem agressiva	8
		..., <u>não aceita ir para o ABRIGO PÚBLICO;</u>	Medida protetiva recusada	6
P43	“... AGREDIU FISICAMENTE a relatora com socos eengasgando -a , ... , foi oferecido casa abrigo , mas não foi aceito pela relatora , ...”	AGREDIU FISICAMENTE a relatora com socos eengasgando -a	Abordagem agressiva	8
		foi oferecido casa abrigo , mas não foi aceito pela relatora ,	Medida protetiva recusada	6
P44	a ameaçou com as textuais: "TU TENS QUE PAGAR A MINHA FACULDADE, TU ME PROMETEU , SE TU NÃO FOR PAGAR VAI SER O TEU SANGUE OU O MEU, EU NÃO TENHO MEDO DE POLICIA, DE JUIZ, EU NÃO TENHO NADA A PERDER". Foi oferecida a proteção do Estado (albergue),”	ameaçou com as textuais: "TU TENS QUE PAGAR A MINHA FACULDADE, TU ME PROMETEU , SE TU NÃO FOR PAGAR VAI SER O TEU SANGUE OU O MEU, EU NÃO TENHO MEDO DE POLICIA, DE JUIZ, EU NÃO TENHO NADA A PERDER	Ameaça para coagir a vítima	5
		Foi oferecida a proteção do Estado (albergue),”	Medida protetiva recusada	6
P45	“.... no (01) mês tudo transcorreu normalmente demonstrou-se ser uma mulher muito atenciosa e carinhosa. Que; a partir do (02) mês ... passou a ingerir bebida alcoólica nos finais de semana tornando-se muito ciumenta, agressiva e violenta. Que; a declarante chamou a atenção de ... que demonstrou-se arrependida prometendo que iria mudar seu comportamento. mas foi INJURIADA por ... de: "Sua vagabunda, safada, fica me traindo dentro da minha própria casa" (TEXTUAIS) e em ato contínuo partiu para cima da declarante sendo agredida fisicamente com vários empurrões e tapas. Que; a declarante conseguiu se defender e empurreou ... que caiu no chão	no (01) mês tudo transcorreu normalmente ... demonstrou-se ser uma mulher muito atenciosa e carinhosa. Que; a partir do (02) mês ... passou a ingerir bebida alcoólica nos finais de semana tornando-se muito ciumenta, agressiva e violenta. Que; a declarante chamou a atenção de ... que demonstrou-se arrependida prometendo que iria mudar seu comportamento	Ciclo da violência	17
	 mas foi INJURIADA por ...	Abordagem agressiva	8

<p>e ao se levantar foi até a cozinha se armando com uma faca de serra. Que; ... foi na direção da declarante e com a faca em punho a ameaçava que iria matá-la. Que; ... desferiu vários golpes contra a declarante, deixando-o várias lesões nas mãos, braço direito, orelha e face. Que; uma guarnição da Polícia Militar VTR NÃO INFORMADA chegou no local e deu apoio para a declarante sair. Que; segundo a declarante, a mesma pediu para os Policiais Militares NÃO IDENTIFICADOS para ser conduzida para uma Delegacia sendo orientada pelos mesmos a refletir se era isso mesmo que queria, pois naquela ocasião como era domingo a Delegacia estaria muito tumultuada. Que; NÃO aceitou ficar na Casa Abrigo. Que; tem testemunha do fato. <u>Que; quanto às Medidas Protetivas estabelecidas na Lei 11.340/04 optou pelas seguintes: (CONTRA A AGRESSORA: Proibição de determinadas condutas,entre as quais : a)-aproximação da ofendida, de seus familiares e das testemunhas , fixando o limite máximo de distância entre estes e o agressor ; b)-contato com a ofendida , seus familiares e testemunhas por qualquer meio de comunicação ; c)-frequentar determinados lugares a fim de preservar a integridade física e psicológica da ofendida). ...</u></p>	<p>de: "Sua vagabunda, safada, fica me traindo dentro da minha própria casa" (TEXTUAIS) e em ato contínuo partiu para cima da declarante sendo agredida fisicamente com vários empurrões e tapa (...)Que; a declarante conseguiu se defender e empurreou ... que caiu no chão e ao se levantar foi até a cozinha se armando com uma faca de serra. Que; ... foi na direção da declarante e com a faca em punho a ameaçava que iria matá-la. Que; ... desferiu vários golpes contra a declarante, deixando-o várias lesões nas mãos, braço direito, orelha e face.</p>		
	<p>uma guarnição da Polícia Militar VTR NÃO INFORMADA chegou no local e deu apoio para a declarante sair. Que; segundo a declarante, a mesma pediu para os Policiais Militares NÃO IDENTIFICADOS para ser conduzida para uma Delegacia sendo orientada pelos mesmos a refletir se era isso mesmo que queria, pois naquela ocasião como era domingo a Delegacia estaria muito tumultuada</p>	<p>Orientada a não realizar registro</p>	<p>18</p>
	<p>NÃO aceitou ficar na Casa Abrigo</p>	<p>Medida protetiva recusada</p>	<p>6</p>
	<p><u>quanto às Medidas</u></p>	<p>Medita protetiva</p>	<p>19</p>

		<u>Protetivas estabelecidas na Lei 11.340/04 optou pelas seguintes: (CONTRA A AGRESSORA: Proibição de determinadas condutas,entre as quais : a)- aproximação da ofendida, de seus familiares e das testemunhas , fixando o limite máximo de distância entre estes e o agressor ; b)- contato com a ofendida , seus familiares e testemunhas por qualquer meio de comunicação ; c)- frequentar determinados lugares a fim de preservar a integridade física e psicológica da ofendida). ...”</u>	requerida	
P46	<p>“A relatora compareceu nesta especializada para comunicar que foi Vítima de Lesão Corporal coetido pela sua companheira a ..., iniciou uma discussão, ja que ... a estava com cuime da relatora, onde a mesma partiu par acima lhe agredindo em sua boca com socos e na parte superior da face, ficando com lesão aparente. Que não aceitou albergue público. ...</p>	<p>Vítima de Lesão Corporal coetido pela sua companheira ... iniciou uma discussão, ja que estava com cuime da relatora, onde a mesma partiu par acima lhe agredindo em sua boca com socos e na parte superior da face, ficando com lesão aparente</p>	Abordagem agressiva	8
		<p>Que não aceitou albergue público</p>	Medida protetiva recusada	6

P47	“..... sofrendo CALUNIA E PERTURBAÇÃO DE SUA TRANQUILIDADE , por parte de sua ex companheira , com quem viveu 4 anos e 7 meses estando sete meses separadas , QUE a relatada todas as vezes em que a relatora passa proximo a ela a ofende com as seguintes textuais " LADRONA ,TU ME ROUBASTES O CACHORRO' referindo-se a um animal que ambas criavam....”	sofrendo CALUNIA E PERTURBAÇÃO DE SUA TRANQUILIDADE , por parte de sua ex companheira	Atitude controladora	3
P48	“... a relatora conviveu 6 anos com a relatada que ha 1 ano o relacionamento começou a ser conflituoso, ressalta que devido aos ciúmes excessivos da relatada , chegaram a separar-se , ... relatada a Ameaçou com as seguintes textuais 'EU VOU NO TEU RESTAURANTE E TE MATO DE FACADAS' E QUE EU VOU TE ENCONTRAR AONDE TU ESTIVERES. . Foi oferecido Proteção do Estado ALBERGUE foi recusado...”	a relatora conviveu 6 anos com a relatada que ha 1 ano o relacionamento começou a ser conflituoso	Relação conflituosa	16
		ressalta que devido aos ciúmes excessivos da relatada , chegaram a separar-se	Atitude controladora	3
		a Ameaçou com as seguintes textuais 'EU VOU NO TEU RESTAURANTE E TE MATO DE FACADAS' E QUE EU VOU TE ENCONTRAR AONDE TU ESTIVERES.	Ameaça para coagir a vítima	5
		Foi oferecido Proteção do Estado ALBERGUE	Medida protetiva recusada	6

Quadro 2- Refinamento do levantamento inicial em categorias iniciais e agrupamento, a partir de códigos de similaridade, para construção das categorias intermediárias.

Nº	Levantamento inicial	Frequência	Categoria inicial	Código de similaridade
1	Ação autoritária	02	Ação autoritária	Violência emocional/psicológica
2	Desejo de terminar o relacionamento	08	Término de relação	Violência emocional/psicológica
3	Atitude controladora	24	Atitude controladora	Violência emocional/psicológica
4	Sentimento de medo	08	Sentimento de Medo	Violência emocional/psicológica
5	Ameaça para coagir a vítima	25	Ameaça para coagir	Violência emocional/psicológica
6	Medida protetiva recusada	36	Abrigamento	Medida Protetiva

			recusado	
7	Ameaça de denegrir a imagem da vítima	02	Ameaça de denegrir	Violência emocional/psicológica
8	Abordagem agressiva	37	Abordagem agressiva	Violência física
9	Receio de falar da violência vivida	01	Violência silenciada	Violência emocional/psicológica
10	Sentimento de culpa	01	Culpa	Violência emocional/psicológica
11	Receio e/ou perdas materiais	03	Perdas materiais	Violência patrimonial
12	Efetivação de registro da violência em BO	01	Reincidência de registro	Reincidência
13	Procurou ajuda especializada para enfrentar a violência	01	Serviço especializado	Reincidência
14	Ameaça de revelação da orientação sexual- Outing	02	Revelar orientação sexual	Violência emocional/psicológica
15	Alienação parental	01	Alienação parental	Violência emocional/psicológica
16	Relação conflituosa	03	Discussão	Violência emocional/psicológica
17	Ciclo da violência	01	Ciclo da violência	Violência emocional/psicológica
18	Orientada a não realizar registro	01	Incentivo a não registrar BO	Não registrar BO
19	Medida protetiva requerida	01	Medida protetiva requerida	Medida Protetiva

APÊNDICE B- Teste dos juízes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA

Prezados juízes,

O teste se aplica como uma das etapas do projeto de pesquisa do curso de Mestrado de Segurança Pública da Universidade Federal do Pará cuja temática é “Violência doméstica em relacionamentos homoafetivos de mulheres lésbicas”. Neste sentido, para dar continuidade ao estudo e a metodologia de análise de conteúdo, o passo seguinte é realizar o teste referente à construção das categorias iniciais, intermediárias e finais.

Cabe ao juiz verificar se as categorias estão adequadas ou não a temática da violência doméstica, ficando a critério dar sugestões para melhor adequação das categorias quando julgar necessário.

TESTE DOS JUÍZES

1 – A evolução do levantamento inicial para as categorias iniciais está adequada?

Nº	Levantamento inicial	Categoria inicial	Está adequada? (sim ou não)
01	Ação autoritária	Ação autoritária	
02	Desejo de terminar o relacionamento	Término de relação	
03	Atitude controladora	Atitude controladora	
04	Sentimento de medo	Sentimento de medo	
05	Ameaça para coagir a vítima	Ameaça para coagir	
06	Medida protetiva recusada	Abrigamento recusado	
07	Ameaça de denegrir a imagem da vítima	Ameaça de denegrir	
08	Abordagem agressiva	Abordagem agressiva	
09	Receio de falar da violência vivida	Violência silenciada	
10	Sentimento de culpa	Culpa	
11	Receio e/ou perdas materiais	Perdas materiais	
12	Efetivação de registro da violência em BO	Reincidência de registro	
13	Procurou ajuda especializada para enfrentar a violência	Serviço especializado	
14	Ameaça de revelação da orientação sexual (Outing)	Revelar orientação sexual	
15	Alienação parental	Alienação parental	
16	Relação conflituosa	Discussão	

17	Ciclo da violência	Ciclo da violência	
18	Orientada a não realizar registro	Incentivo a não registrar BO (Boletim de ocorrência)	
19	Medida protetiva requerida	Medida protetiva requerida	

SUGESTÕES:

2 – O agrupamento da categoria inicial para as categorias intermediárias está adequado?

Categoria inicial	Justificativa do refinamento	Categoria intermediária	Está adequada? (sim ou não)
Ação autoritária	Atitude autoritária que tenha como objetivo fazer valer a vontade de um indivíduo em detrimento do outro.	Violência emocional/ psicológica	
Término de relação	Resistência em aceitar o fim do relacionamento, utilização de chantagem emocional como uma forma de controlar e manipular a decisão e vontade da vítima.		
Atitude controladora	Ação pautada no desejo de controlar a vida da parceira, para que não tenha vida independente.		
Sentimento de medo	Receio de ser agredida, ofendida, humilhada verbalmente ou por escrito.		
Ameaça para coagir	Atitudes ameaçadoras com o intuito de deter, controlar e deixar a vítima sem perspectiva de sair da situação de violência.		
Ameaça de denegrir	Condutas ameaçadoras para abalar a auto-estima e que venham a constranger a vítima em seu meio social.		
Violência silenciada	Dificuldade de falar da violência vivenciada, que pode causar dano no pleno desenvolvimento da vítima.		
Culpa	A vítima se sente culpada pela violência vivenciada o que pode causar isolamento e sofrimento emocional.		
Alienação parental	Dificultar/ prejudicar o relacionamento com os filhos após a separação.		
Discussão	Tensão e conflito na relação que tenham a intenção de humilhar, insultar e diminuir a auto-estima da vítima.		
Ciclo da violência	Discussão, conflitos e tensões que se repetem de forma cíclica que podem causar sofrimentos e dano emocional a vítima.		
Revelar orientação sexual	Ameaçar de revelar a orientação sexual para familiares, amigos e colegas de trabalho.	Medida protetiva	
Abrigamento recusado	Medida protetiva de urgência para a vítima no sentido de afastá-la do lar		

	(abrigo público) que prevê a lei nº 11.340/2006 (Maria da Penha) .		
Medida protetiva solicitada	Medida protetiva de urgência para a agressora, conforme Lei nº 11.340/2006.		
Abordagem agressiva	Ação que prejudique e cause dano físico a vítima.	Violência física	
Reincidência de registro	Procurou delegacia para registrar boletim de ocorrência em situações anteriores.	Reincidência	
Serviço especializado	Procurou serviço especializado para auxiliar e mediar a situação de violência em casos anteriores.		
Perdas materiais	Conduta que causou a retenção ou a subtração de bens materiais.	Violência patrimonial	
Incentivo a não registrar BO (Boletim de ocorrência)	Naturalizar a violência ao incentivar a não procurar meios legais de romper com situação vivenciada.	Não registrar BO	

SUGESTÕES:

3– O agrupamento da categoria INTERMEDIÁRIA para as categorias FINAIS está adequado?

Categoria intermediária	Justificativa do refinamento	Categoria final	Está adequada? (sim ou não)
Violência emocional/ psicológica	Conduta/ação/atitude que cause sofrimento emocional/ psicológico para a vítima.	Comportamento abusivo	
Violência física	Ação que cause dano à integridade física da vítima.		
Violência patrimonial	Atitude que cause perdas materiais a vítima.		
Medida protetiva	Medidas protetivas de urgência para salvaguardar a vítima e as que obrigam a agressora.	Medida protetiva	
Reincidência	Procurou serviço especializado em situações de violência anteriores.	Reincidência	
Não registrar BO (Boletim de ocorrência)	Naturalizar a violência ao incentivar a não procurar meios legais de romper com situação vivenciada.	Não registrar BO	

SUGESTÕES:

ANEXOS

ANEXO 1 – Normas para Submissão do Artigo Científico 01 na “Revista Brasileira de Segurança Pública” do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

DIRETRIZES PARA SUBMISSÃO DE ARTIGOS PARA A REVISTA BRASILEIRA DE SEGURANÇA PÚBLICA REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

As referências bibliográficas devem ser citadas ao final do artigo, obedecendo aos seguintes critérios:

Livro: sobrenome do autor (em caixa alta) /VÍRGULA/ seguido do nome (em caixa alta e baixa) /PONTO/ data entre parênteses /VÍRGULA/ título da obra em itálico /PONTO/ nome do tradutor /PONTO/ nº da edição, se não for a primeira /VÍRGULA/ local da publicação /VÍRGULA/ nome da editora /PONTO.

Artigo: sobrenome do autor, seguido do nome e da data (como no item anterior) / “título do artigo entre aspas /PONTO/ nome do periódico em itálico /VÍRGULA/ volume do periódico /VÍRGULA/número da edição /DOIS PONTOS/ numeração das páginas.

Coletânea: sobrenome do autor, seguido do nome e da data (como nos itens anteriores) / título do capítulo entre aspas /VÍRGULA/ in (em itálico)/ iniciais do nome, seguidas do sobrenome do(s) organizador(es) /VÍRGULA/ título da coletânea, em itálico /VÍRGULA/ local da publicação/VÍRGULA/ nome da editora /PONTO.

Teses acadêmicas: sobrenome do autor, seguido do nome e da data (como nos itens anteriores) /VÍRGULA/ título da tese em itálico /PONTO/ grau acadêmico a que se refere /VÍRGULA/ instituição em que foi apresentada /VÍRGULA/ tipo de reprodução (mimeo ou datilo) /PONTO.

Quadros e tabelas

A inclusão de quadros ou tabelas deverá seguir as seguintes orientações:

- a) Quadros, mapas, tabelas etc. em arquivo Excel ou similares separado, com indicações claras, ao longo do texto, dos locais em que devem ser incluídos.
- b) As menções a autores, no correr do texto, seguem a forma-(Autor, data) ou (Autor, data, página).
- c) Colocar como notas de rodapé apenas informações complementares e de natureza substantiva, sem ultrapassar 3 linhas.

Os critérios bibliográficos da Revista Brasileira de Segurança Pública tem por base a NBR 6023:2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

CONDIÇÕES PARA SUBMISSÃO

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. O trabalho é inédito no Brasil e sua publicação não está pendente em outro local; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".
2. O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF.

3. O trabalho tem entre 20 e 45 mil caracteres com espaço, consideradas as notas de rodapé, espaços e referências bibliográficas.

4. O trabalho não contém qualquer forma de identificação do autor ao longo do texto, respeitando os princípios da avaliação por pares cega.

O texto segue os requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na página Sobre a Revista.

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

1. DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

- Atesto que, se solicitado, fornecerei ou cooperarei na obtenção e fornecimento de dados sobre os quais o artigo está sendo baseado, para exame dos editores.

- Certifico que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo.

No caso de artigos com mais de seis autores a declaração deve especificar o(s) tipo(s) de participação de cada autor, conforme abaixo especificado:

(1) Contribuí substancialmente para a concepção e planejamento do projeto, obtenção de dados ou análise e interpretação dos dados;

(2) Contribuí significativamente na elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo;

(3) Participei da aprovação da versão final do manuscrito.

2. TRANSFERÊNCIA DE DIREITOS AUTORAIS


- Declaro que em caso de aceitação do artigo, concordo que os direitos autorais a ele referentes se tornarão propriedade exclusiva da Revista Brasileira de Segurança Pública, vedada qualquer reprodução, total ou parcial, em qualquer outra parte ou meio de divulgação, impressa ou eletrônica, sem que a prévia e necessária autorização seja solicitada e, se obtida, farei constar o devido agradecimento à Revista Brasileira de Segurança Pública.

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

Os nomes e endereços informados à Revista Brasileira de Segurança Pública serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

ANEXO 2 – Normas para Submissão do Artigo Científico 02 na Revista “ Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas” Universidade Federal de Santa Catarina.

Universidade Federal de Santa Catarina | www.periodicos.ufsc.br | ISSN: 1984-8951



Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas

CAPA	SOBRE	ACESSO	CADASTRO	PESQUISA	ATUAL
ANTERIORES	NOTÍCIAS	RESUMOS DE TESES	PPGICH	ESTATÍSTICAS	
GOOGLE SCHOLAR	SUMÁRIOS.ORG	LIVRE!	INSTRUÇÕES AOS AUTORES		
PORTAL DE PERIÓDICOS UFSC	ARTIGOS MAIS CITADOS				

Capa > Sobre a revista > **Submissões**

Submissões

- [Submissões Online](#)
- [Diretrizes para Autores](#)
- [Declaração de Direito Autoral](#)
- [Política de Privacidade](#)

Submissões Online

Já possui um login/senha de acesso à revista Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas?
ACESSO

Não tem login/senha?
ACESSE A PÁGINA DE CADASTRO

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso.

Diretrizes para Autores

SUBMISSÃO ELETRÔNICA - Os originais deverão ser digitados em editor de texto WORD, fonte ARIAL, contando de 10 a 35 páginas numeradas e limitando-se a 70.000 (setenta mil) caracteres, incluídos os caracteres em branco. Trabalhos acima desse limite poderão ser publicados a critério da Comissão Editorial. - As margens esquerda e superior são de 3,0 cm e a direita e inferior são de 2,0 cm. ***DIRETRIZES PARA AUTORES** Estrutura de Apresentação e Formatação **PRÉ-TEXTO**
*Título do artigo: Fonte ARIAL; Caixa baixa; Tamanho 14; Espaçamento simples; Centrado; Negrito; Título em português seguido pelo título em inglês. *Resumo e Abstract: Fonte ARIAL; Tamanho 12; Espaçamento simples; Margem justificada; Entre 100 e 150 palavras. *Palavras-chave e Key Words: Fonte ARIAL; Tamanho 12; De 3 a 5 palavras; Palavras separadas por ponto; Primeira letra de cada palavra em caixa alta. **TEXTO** *Fonte: Fonte ARIAL; Tamanho 12 para o texto; Tamanho 10 para citação direta com recuo de 4 cm; *Alinhamento: O texto deve ser justificado. *Espaçamento: No texto: 1,5 cm; Na citação direta com recuo de 4 cm: simples; Em notas de rodapé: simples; Entre texto e título da seção: 2 x 1,5 cm. *Margem: Superior e esquerda de 3,0 cm; Inferior e direita de 2,0 cm. *Páginas: De 10 a 35 páginas; Ou no máximo 70.000 (setenta mil) caracteres, incluídos os caracteres em branco. *Subtítulos: Não iniciar uma nova página a cada subtítulo; Os títulos são diferenciados graficamente entre seções de hierarquia diferentes e iguais quando de mesma hierarquia; Deve seguir uma numeração seqüencial. *Notas de rodapé: Fonte ARIAL; Tamanho 10; Espaçamento simples; Deve ser em número arábico seqüencial. *Citação NBR 10520: Sistema de chamada autor-data; Citações diretas (AUTOR, ano, p.) -> inclui página; Citações diretas com até três linhas: entre aspas duplas e dentro do texto; Citações diretas com mais de três linhas: sem aspas, recua a margem esquerda 4 cm, espaçamento simples, fonte tamanho 10; Citações parafraseadas (AUTOR, ano) -> não inclui página. **Exemplos de citações** *Com um autor: Segundo Bauman (1999, p.10), "a ambivalência é [...]". "A ambivalência é [...]". (BAUMAN, 1999, p.10). *Com dois ou três autores: Segundo Giddens, Beck e Lash (1997, p.38), "a modernização é [...]". "A modernização é [...]". (GIDDENS; BECK; LASH, 1997, p.38). *Com mais de três autores: Santos et al. (2002, p.36) argumentam que o "desenvolvimento [...]". "Desenvolvimento sustentável [...]". (SANTOS et al., 2002, p.36). *Citação de outra citação: Deve ser evitado, quando possível. Bourdieu (1999, p.75 apud OLIVEIRA, 2007, p.131) sustenta que "o campo [...]". "O campo [...]". (BOURDIEU, 1999, p.75 apud OLIVEIRA, 2007, p.131). *Páginas citadas: Intervalo de

USUÁRIO

Login

Senha

Lembrar usuário

Acesso

CONTEÚDO DA REVISTA

Pesquisa

Escopo da Busca
Todos ▼

Todos ▼

Pesquisar

Procurar

- [Por Edição](#)
- [Por Autor](#)
- [Por título](#)
- [Outras revistas](#)

IDIOMA



TAMANHO DE FONTE



INFORMAÇÕES

- [Para leitores](#)
- [Para Autores](#)
- [Para Bibliotecários](#)

NOTÍCIAS

GRUROWSKI, J. **Em busca de um teatro pobre**. Tradução Aidomar Conrado. Prefácio Peter Brook. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. *Quando o autor for uma entidade: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2000. 3 p. *Quando a obra tiver título e subtítulo: CERTEAU, M. de. **Histoire et psychanalyse**: entre science et fiction. Paris: Gallimard, 1987. **b) Capítulo de Livro** *Partes de livro sem autoria especial: SANTOS, J. R. dos. Avaliação econômica de empresas. In: _____. **Técnicas de análise financeira**. 6. ed. São Paulo: Macuco, 2001. p.78-90. *Partes de livro com autoria especial: ROSA, C. Solução para a desigualdade. In: SILVA, F. (Org.). **Como estabelecer os parâmetros da globalização**. 2. ed. São Paulo: Macuco, 1999. p.35-48. CHAUI, M. Notas sobre cultura popular. In: OLIVEIRA, P. S. (Org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1998. p.165-182. **c) Artigo em Periódico** ALETTI, M. A figura da ilusão na literatura psicanalítica da religião. **Psicologia USP**, v.15, n.3, p.163-190, jan./jun. 2004. OLIVEIRA, A. da C. Considerações constitucionais sobre a pesquisa e aplicação terapêutica das células-tronco. **Revista de Direito Privado**, São Paulo, ano 8, v.30, p.49-74, abr./jun. 2007. ESPOSITO, I. et al. Repercussões da fadiga psíquica no trabalho e na empresa. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.8, n.32, p.37-45, out./dez. 1979. RAUD, C. Análise crítica da sociologia econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n.6, p.59-82, abr. 2005. **d) Monografia, Dissertação e Tese** *Monografia: MEDEIROS, J. B. **Alucinação e magia na arte**. 1993. 86 f. Monografia (apresentada ao final do curso de pós-graduação stricto sensu em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. *Dissertação de Mestrado: RODRIGUES, M. V. **Qualidade de vida no trabalho**. 1989. 180 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989. *Tese: SOUZA, Zenira Pires de. **A responsabilidade social empresarial sob uma perspectiva sistêmica**. 2004. 250 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2004. MONTIBELLER FILHO, Gilberto. **O mito do desenvolvimento sustentável**. 1999. 255f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 1999. **e) Eventos** *Encontro Anual: SOARES, T. Empresas estatais privatizadas. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 20, 1996, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 1996. **f) Internet** *Artigo de Internet com autor: MALOFF, J. A internet e o seu valor. **Ciência da Informação**, Brasília, v.26, n.3, 1997. Disponível em: <http://www.ibict.br/cionline/>. Acesso em: 18 out. 1998. *Artigo de Internet sem autor especial: CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, Brasília, v.26. n.3, 1997. Disponível em : <http://www.ibict.br/cionline/>. Acesso em: 19 maio 1998. *Livro em meio eletrônico: ALVES, C. **Navio negreiro**. [S.l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em:<http://www.terra.com.br/virtualbooks/port/lport/navionegreiro.htm>. Acesso em: 05 mar. 2004. *Simpósios e Congressos em meio eletrônico: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 20, 1996, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPAD, 1996. Disponível em: <http://www.anpad.com.br/xxcongresso.anais.htm>. Acesso em: 5 mar. 1997. **Ilustrações** Quadros, desenhos, fotografias, gráficos, tabelas, etc.: Funcionam como explicações visuais; Fotografias devem ser apresentadas preferencialmente com extensão TIFF; Devem ser numeradas sequencialmente, com os títulos e menções de fontes na parte inferior da ilustração.

PALAVRAS-CHAVE

Argentina [Arte](#) [Biopolítica](#) [Cinema](#) [Ciências Humanas](#) [Cultura](#) [Eugenia](#) [Globalização](#) [Gênero](#) [História](#) [Identidade](#) [Imaginário](#) [Interdisciplinaridade](#) [Memória](#) [Modernidade](#) [Morte](#) [Psicanálise](#) [Psiquiatria](#) [Representações Sociais](#) [Sociedade](#) [Ética](#)

Ajuda do sistema

Open Journal Systems